

Janeiro - Fevereiro 2017

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO

O que o futuro reserva para os **ESTADOS UNIDOS?**

Um Profeta, um Presidente e um Povo 4 • Trump Venceu — E agora? 9 • A Nova Moralidade Radical: Aonde Isso Vai Nos Levar? 12 • Será que a Verdade é tão Importante Assim? 16 • Abrir Espaço Para A Natureza Divina 18 • Quem foi Jesus? 20 • Descobrido: Ruínas do Templo da Época de Jesus Cristo? 24 • O Que Está Por Trás do Caos no Oriente Médio? 27

3 • Momento Crítico

4 • Um Profeta, um Presidente e um Povo

As principais nações do mundo ocidental estão em uma encruzilhada. Que caminho elas vão seguir? O que vocês acham? Será que um antigo profeta bíblico poderia nos dar alguma dica?

Coluna Lateral: Os grandes desafios dos Estados Unidos

9 • Trump Venceu — E agora?

Após oito anos de domínio das políticas e programas liberais na cena política e social norte-americana, será que uma nova administração presidencial poderia fazer a diferença no comando do país?

12 • A Nova Moralidade Radical: Aonde Isso Vai Nos Levar?

O mundo ocidental está vendo mudanças dramáticas que estão remodelando fortemente a sociedade. O que está acontecendo e por quê? Para onde isso está nos levando?

16 • Será que a Verdade é tão Importante Assim?

Vivemos em um mundo em que, como diz Isaías 59:14, “a verdade anda tropeçando pelas ruas”. A verdade é tão importante assim? Isso é importante para você?

18 • Abrir Espaço Para A Natureza Divina

Não basta deixar Deus entrar em nossas vidas. Devemos abrir-lhe toda a nossa vida, entregando-nos totalmente a Ele para alcançarmos a bênção final.

20 • Quem foi Jesus?

Quem Jesus era realmente? Por que Ele veio? Quem e o que é Ele agora? Você precisa entender as respostas diretamente de sua Bíblia! *Coluna Lateral:* A Alegação dos Discípulos de Jesus • Jesus alegou ser Deus de outras maneiras?

24 • Descobrido: Ruínas do Templo da Época de Jesus Cristo?

Coluna Lateral: A Alegação dos Discípulos de Jesus

27 • O Que Está Por Trás do Caos no Oriente Médio?

O mundo está assistindo ao crescimento de áreas de conflitos. No entanto, o Oriente Médio continua dominando as manchetes. O que está por trás de sua constante turbulência?

30 • Eventos e Tendências Atuais

Uma Europa separada e unida, ao mesmo tempo • Cristãos do Oriente Médio enfrentam o medo e a dúvida depois da ocupação do El • Uma Rússia Mais Fraca, Porém Mais Ousada • Astrofísica: A Terra e os seres humanos são especiais no universo



9



12



24

Fotos, do cimo: Gage Skidmore, Cafebeanzphoto/Dreamstime, Temple Mount Sifting Project

Quem somos

A Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, encontra as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mat 24:14; 28:19-20).

Nós oferecemos esta revista e outras publicações gratuitamente, seguindo a instrução de Cristo: "de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). Isto é feito possível pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta Obra. Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal; **Igreja de Deus Unida, Brasil**
Conta Poupança 7648-8; Operação 013; Agência 3540; CNPJ: 19.443.682/0001-35

Endereços

Brasil: Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Estados Unidos da América:
Igreja de Deus Unida (Pode pedir em
Português, Espanhol ou Inglês)
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet: portugues.ucg.org / Facebook: Igreja de Deus Unida / e-mail: info@ucg.org

A Boa Nova é a edição portuguesa da revista Beyond Today



Scott Ashley
Editor-chefe

Momento Crítico

Ultimamente, o termo *momento crítico* tem se tornado uma frase de efeito. Ele aparece regularmente na mídia e nas notícias. Vários livros foram publicados sob esse título, e pelo menos uma revista é intitulada com esse termo.

O termo geralmente se refere ao tempo em que ocorre uma mudança decisiva—o ponto em que uma situação muda de forma definitiva.

Os historiadores apontam muitos momentos críticos na história em que povos e nações mudaram de curso de forma dramática e marcante—algumas vezes para melhor e outras para pior.

Alguns se perguntam se a eleição inesperada de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos poderia ser um desses momentos críticos. Afinal, ele disputou essa eleição como um candidato anti-Obama, anti-Hillary e anti-esquerda.

Trump prometeu reverter as decisões executivas e legislativas de muitos programas e políticas do governo atual, como assistência de saúde, imigração ilegal e mudança climática. Ele prometeu nomear constitucionalistas austeros para a Suprema Corte dos Estados Unidos, construir um muro na fronteira com o México, trazer de volta empregos do exterior, reconstruir o exército do país e “fazer os Estados Unidos ser grandioso novamente”.

Citando o ex-presidente Ronald Reagan, Trump prometeu “drenar o pântano de Washington” e “tornar o governo honesto novamente”. Embora muitas de suas promessas de campanha pareçam beirar o exagero, Ele é extremamente sério sobre modificar os caminhos de Washington e mudar o rumo da nação.

E, sem dúvida, a nação precisa mudar de rumo!

Nos últimos anos, os Estados Unidos sofreram grandes prejuízos com a imposição de políticas e leis que contradizem diretamente os valores e os ensinamentos bíblicos. A lei de assistência à saúde do presidente Obama, entre outras coisas, forçou os empregadores a pagar a seus empregados medicamentos que induzem ao aborto—praticamente, obrigando aos empresários a financiar o assassinato de nascituros.

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos ordenou a todas as escolas do país a permitir que seus estudantes usem os banheiros que acharem apropriados à sua inclinação sexual, independentemente de seu gênero biológico—sem se importar com a opinião daqueles estudantes que não desejavam compartilhar

os banheiros ou vestiários com pessoas do sexo oposto.

O governo federal impôs agressivamente uma agenda pró-homossexual, criando uma situação em que confeiteiros, donos de bufês e fotógrafos, que trabalham no ramo de casamento, viram seus negócios sendo arruinados simplesmente por seguirem suas consciências (baseadas em valores bíblicos) e não aceitarem participar de celebrações de casamento homossexual.

Depois veio o horror da revelação de que o grupo pró-aborto *Planned Parenthood*, beneficiária de meio bilhão de dólares anuais de fundos do governo, estava coletando e vendendo partes do corpo de bebês abortados. (O grupo *Planned Parenthood* é o maior provedor de abortos dos Estados Unidos, ceifando a vida de cerca de 300 mil bebês a cada ano).

Nas páginas de *A Boa Nova* temos abordado regularmente estas e outras questões em que os governos têm criado leis, regulamentos e políticas que se opõem diretamente à vontade e à verdade de Deus. E continuaremos a fazer isso como parte de nosso esforço para ensinar ao mundo os verdadeiros valores de nosso Criador

e por que o mundo está nessa situação assustadora.

Nossa esperança é que todas as nações possam experimentar algum tipo de momento crítico positivo para não continuar passando por essa escalada de problemas, que nós mesmos criamos, devido ao afastamento de Deus.

O próprio Deus expressa essa mesma esperança de uma mudança positiva em nós, como disse em Ezequiel 33:11: “Vivo eu, diz o SENHOR Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Converti-vos, converti-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis...?”.

Por que isso? Porque Deus oferece a cada um de nós um momento crítico, em nível nacional e individual. “O céu e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti de que te pus diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência” (Deuteronômio 30:19).

Espero que todos nós possamos ter a sabedoria de ouvir e prestar atenção!





Um Profeta, um Presidente e um Povo

As principais nações do mundo ocidental estão em uma encruzilhada. Que caminho elas vão seguir? O que vocês acham? Será que um antigo profeta bíblico poderia nos dar alguma dica?

por Darris McNeely

Logo depois que os pais fundadores dos Estados Unidos assinaram a Declaração de Independência, um estadista chamado John Page escreveu estas palavras a seu contemporâneo de Virgínia, Thomas Jefferson: “Sabemos que a corrida não é dos ligeiros, nem a batalha dos fortes. Você não acha que um anjo cavalga no redemoinho e dirige essa tempestade?”

Hoje em dia, poucos reconheceriam isso, mas sua referência a um anjo em um redemoinho é uma citação da Bíblia. Ele estava falando sobre a guia da mão de Deus na fundação dos Estados Unidos. (Talvez alguns consigam lembrar que o ex-presidente dos EUA, George W. Bush, citou essas mesmas palavras em seu primeiro discurso em 2001).

Por mais de 240 anos, os Estados Unidos foram abençoados pela mão de Deus. Por causa da promessa de Deus e da constante fidelidade, ele cresceu de um grupo de colônias ao longo da Costa Atlântica para uma nação única e mais poderosa e próspera da história do mundo. O Estados Unidos é grande porque Deus é grande. Por muito tempo, seus cidadãos reconheceram abertamente essa verdade.

Mas será que chegamos à época em que o anjo não estará mais presente? Deus deixaria os Estados Unidos aos violentos ventos do tempo e da história, para ser destituído de sua posição de supremacia global e entrar em colapso, como aconteceu antes com muitas nações poderosas?

Entendendo esse tempo crítico

Como é possível saber o resultado desse período crítico da história? Os Estados Unidos e o mundo estão em um momento histórico. E esta é a questão vital: Deus ainda guia os Estados Unidos em seu papel histórico e profético nos assuntos mundiais?

O que você precisa entender sobre esse tempo em que vivemos? Há mais para saber na história do que as notícias e as análises que você recebe dos especialistas em política e do jornalismo da atualidade. Esses “especialistas” estão cegos e ignorantes e, muitas vezes, extremamente tendenciosos ao descrever os eventos mundiais.

O que você realmente precisa é de uma verdadeira perspectiva bíblica que Deus nos dá na Sua Palavra. E isso é o que a revista *A Boa Nova* procura entregar em cada artigo. Está na hora de você entender que as manchetes de hoje têm a ver com sua Bíblia.

A melhor maneira de explicar o que está acontecendo no mundo é levando você até as palavras de um profeta bíblico chamado Amós, um homem comum do povo, que obedeceu ao chamado de Deus para ir a uma nação entregar Sua mensagem de esperança e arrependimento.

A mensagem do profeta Amós para hoje

Deus enviou a Amós para a nação de Israel—uma nação com a qual Deus tinha uma história e um relacionamento especial. O antepassado de Israel, Abraão, foi aquele a quem Deus fez promessas incondicionais de prosperidade e de grandeza nacional. Por causa dessas promessas, Deus tirou os israelitas da escravidão egípcia sob o comando de Moisés e colocou-os em uma terra de promessa.

Israel foi o destinatário de bênçãos e promessas que nunca foram feitas a nenhuma outra nação. “Escolhi apenas vocês de todas as famílias da terra”, disse Deus (Amós 3:2, NVI). Essas promessas incluíam bênçãos pela obediência. Mas infelizmente, Israel não cumpriu sua parte do acordo. E por Israel ter rejeitado a Deus, Ele disse: “Por isso eu os castigarei por todas as suas maldades” (mesmo versículo, NVI).

Nessa ocasião, Israel estava em uma posição privilegiada entre os outros países. Após a morte do rei Salomão, no século X a.C., o reino de Israel se dividiu em duas nações—Israel ao norte e Judá ao sul. As duas nações entraram em declínio, mas, ao enfrentarem sérias dificuldades, elas experimentaram um ressurgimento durante o século VIII a.C., alcançando seu auge de prosperidade e poder desde a época de Salomão. Ambas foram nações influentes naquela importante região geográfica da Terra.

E aqui está um paralelo com os Estados Unidos de hoje. Por mais de dois séculos, os Estados Unidos cresceram e se tornaram a maior nação que já existiu. Ainda hoje, com graves problemas internos e

A melhor maneira de explicar o que está acontecendo no mundo é levando você até as palavras de um profeta bíblico chamado Amós, que viveu há 2.800 anos.

grandes desafios contra nações hostis, esse país continua sendo a potência mais influente do mundo e a economia mais forte.

Apesar de seus problemas, sua influência benéfica em um mundo conturbado é imensa. Um mundo sem os Estados Unidos seria um mundo muito diferente e muito mais perigoso. Assim como Deus usou a antiga Israel como um contrapeso para as outras nações, hoje em dia os Estados Unidos é um poder indispensável, que Deus utiliza para avançar em Seu grandioso propósito e plano profético para a humanidade.

Israel na época de Amós

Vamos olhar mais de perto à nação de Israel. Em 782 a.C., um rei chamado Jeroboão II governou Israel. Ele era um líder forte que trouxe mais poder e riqueza para a nação.

Ele restaurou as fronteiras da nação. Ele abriu as rotas comerciais para que a economia mais uma vez começasse a crescer e a riqueza fluísse para a nação. Israel começou a prosperar na economia global da época. Navios e caravanas transportavam mercadorias da África para a Ásia e para todo o mundo mediterrâneo.

O cidadão de classe média de Israel ou Judá nunca esteve tão bem. Foi um período de otimismo e euforia. O nível de prosperidade era maior do que qualquer um poderia ter lembrança. É provável que Israel estivesse negociando com todas as nações importantes da região daquela época. Era a globalização dessa antiga época.

Mas a prosperidade de Israel fez com que ela se esquecesse da verdadeira fonte de sua riqueza. Deus era a causa de tal tamanho poder e riqueza. A nação há muito tempo abandonara a fé e a crença em Deus, ainda que alguns professassem abertamente crer no Deus de Abraão. Mas na verdade, o culto pagão a Baal estava muito enraizado naquela cultura. As pessoas adoravam em altares pagãos mais do que no templo do verdadeiro Deus, em Jerusalém.

O paganismo substituiu as verdades de Deus. A nova religião escondeu a identidade de Israel como povo especial da aliança de Deus. O verdadeiro Deus estava escondido do povo.

Hoje a história se repete com os Estados Unidos

A mesma situação existe nos Estados Unidos hoje em dia. Enquanto o país experimenta uma inigualável prosperidade e liberdade, não consegue entender a verdadeira fonte de suas bênçãos. Os norte-americanos pensam que sua sabedoria e engenhosidade alcançaram essa grandeza. Mas na verdade, os Estados Unidos receberam sua riqueza e poder de Deus através das promessas que Ele fez ao patriarca Abraão.

Quando um antigo estadista norte-americano reconheceu que um anjo guiava a tempestade sobre a fundação do país, não se tratava de imaginação. A fundação dos Estados Unidos estava de acordo como o plano divino. Deus estava cumprindo uma promessa feita há muito tempo a Seu servo Abraão. Essa promessa aca-

bou sendo uma bênção para o mundo moderno.

A mensagem que Amós levou a Israel tem significado para os Estados Unidos deste século XXI. Hoje, os Estados Unidos enfrentam os mesmos problemas que a antiga Israel enfrentou há muitos séculos atrás. Os bons tempos para Israel estavam prestes a terminar. O que se pensava ser uma riqueza infinita era apenas um último reavivamento antes da queda.

E foi durante esse período de prosperidade que Amós entrou em cena com uma mensagem de alerta diretamente à sede do poder político e religioso. Amós viu uma nação imersa em um mar de mentiras. Em todos os lugares em que se olhava, encontravam-se inverdades, injustiças e desigualdades. Sob o verniz da estabilidade e prosperidade, ele viu uma estrutura decadente e à beira do colapso.

Ele foi rápido ao dar o veredicto de Deus sobre aquela nação: “O SENHOR diz: *Os habitantes de Israel pecam sem parar e Eu não me esquecerei disso. Não os deixarei sem castigo*” (Amós 2:6, Bíblia Viva, grifo do autor).

A mensagem de Deus através de um mensageiro inesperado

Amós não era um personagem religioso tradicional. Ele recebeu um chamado divino único para entregar a mensagem de Deus à nação. Ele não fazia parte da religião predominante. Ele poderia falar sobre o âmago do problema. Ele não estava defendendo uma posição, mas simplesmente falando a verdade. A verdade espiritual tinha desaparecido daquela nação.

Amós era um pastor de ovelha que cuidava de seus rebanhos e de suas figueiras. Ele não foi treinado como teólogo ou professor religioso sacerdotal. Ele era um homem do campo de bom senso e que entendia como a vida funcionava no nível mais fundamental. Ele trabalhava com animais que dependiam dele para sobreviver. A saúde de seus rebanhos determinava a prosperidade de sua família. Ele compreendia a vida e a morte, os bons tempos e os tempos de miséria.

Os reis, cercados por riqueza e poder em seus palácios, não o impressionavam. Ele sabia que o rei governava apenas pela graça e pela vontade de Deus e que, se ele abusasse de seu poder, as pessoas boas das pequenas cidades sofreriam. Amós temia a Deus mais do que a qualquer homem. Ele era o homem certo que Deus poderia usar para advertir a nação.

Ele carregava uma mensagem de Deus, que era como o rugido de um leão. Amós acusou todas as nações da região por suas políticas externas e internas que levavam à guerra, à traição e à instabilidade regional.

E ele não poupou o povo de Judá ou de Israel. Nenhum governo escapou de sua avaliação desmoralizadora. Ele disse que Deus julgaria as pessoas daquela nação porque “venderam como escravos as pessoas pobres que não podiam pagar suas dívidas; trocaram



peças por um par de sapatos. Eles pisam os pobres e agridem os mansos . . .” (Amós 2:6-7, Bíblia Viva).

Os grandes pecados da injustiça e da desigualdade

A justiça social estava no topo da lista de problemas de Amós para chamar a atenção do reino. A riqueza que fluía para a nação não estava sendo usada para estabelecer uma cultura arraigada na lei de Deus. Há muito tempo, Israel havia abandonado o fundamental sistema econômico social que Deus tinha consagrado na lei.

Nenhuma estrutura da nação estava funcionando. A religião estava corrompida. O governo estava quebrado. Por trás da fachada de ordem e prosperidade, a injustiça social e a perversidade drenavam a vida do povo.

Apesar dos problemas estruturais significativos, as nações podem permanecer por muito tempo. Os dias de Israel como uma nação estavam contados, mas o povo não percebeu isso. *Mas Amós, sim.* Então, coube a ele tarefa nada invejável de levar aquela mensagem.

Isso soa muito familiar? Hoje em dia, os Estados Unidos se assemelham muito a isso. O tema central da eleição recente foi, em grande parte, a economia—o dinheiro nos bolsos, ou, mais propriamente dito, o dinheiro que *não* está nos bolsos—dos trabalhadores da classe média.

Apesar da riqueza da nação, muitos sentiram claramente uma sensação crescente de que o futuro somente lhes reserva estagnação e incerteza. Cada vez mais pessoas acredita que a vida não vai melhorar—que o sonho americano de progresso e segurança financeira não vai se realizar. E há muitas razões para acreditar nisso, pois esse temor está bem fundamentado.



O número de desempregados e subempregados revela uma grande disparidade de riqueza e uma crescente incapacidade de corrigir os problemas sistêmicos. Uma solução proposta é aumentar os impostos sobre os ricos para que seja possível pagar por programas de incentivo ao emprego ou para financiar programas sociais. No entanto, o aumento de arrecadação do governo tem mostrado, repetidamente, que, embora o governo e o número de funcionários aumentem, a quantidade de pessoas na linha de pobreza permanece em grande parte inalterada.

Infelizmente, o sistema econômico que nós temos, envolto em

Os grandes desafios dos Estados Unidos

Após uma eleição muito amarga e longa, Donald Trump toma posse em um momento crítico da história norte-americana e mundial. Ao assumir o cargo, ele enfrentará muitos desafios.

O papel dos Estados Unidos no mundo mudou dramaticamente nos últimos oito anos, este é um fato reconhecido por especialistas em política externa. Seu papel histórico e profético pode estar caminhando em uma direção diferente. Vejamos uma lista desses desafios.

- A Rússia vem aumentando agressivamente o seu alcance e influência. Ela anexou a Península da Criméia e outras partes do território da Ucrânia e tem se envolvido em uma guerra de baixa intensidade com essa nação por vários anos. Caças russos têm feito voos rasantes sobre navios da Marinha dos Estados Unidos no Mar Báltico. A OTAN e aeronaves norte-americanas têm sido incomodadas por aviões russos.

O apoio da Rússia ao presidente sírio, Bashar al-Assad, prolongou a guerra civil da Síria e o sofrimento de seus cidadãos. Os esforços diplomáticos norte-americanos em relação ao conflito foram frustrados pelo envolvimento da Rússia.

Quando a Europa vacila, a Rússia tem sido rápida em explorar sua fraqueza — desejando ver uma União Europeia fragmentada ao invés de um bloco unificado de nações.

Pela história passada, a Rússia tem razão em temer uma Europa poderosa e coesa. No entanto, provocar a Europa numa postura reacionária, diante do estresse causado pelo intenso fluxo de imigrantes do Oriente Médio, pode levar a acontecimentos sinistros.

- O relacionamento da China com os Estados Unidos está mudando. A China procura substituir a longa influência dos Estados Unidos na Ásia. E está expandindo rapidamente sua marinha e seus interesses com vizinhos regionais como a Filipinas e a Austrália. A China quer ser o árbitro das relações entre as nações asiáticas do Pacífico.

As disputas com o Japão quanto às reivindicações das ilhas do Pacífico agravaram o histórico ruim entre as duas nações. Se surgir algum conflito armado entre os dois países, os Estados Unidos seriam obrigados a apoiar militarmente o Japão.

A China detém mais de um trilhão de dólares em títulos da dívida externa dos Estados Unidos. Esse fato prejudica a capacidade dos Estados Unidos de lidar efetivamente com questões sérias como o ciberataque chinês e a criação de um ambiente de negócios hostil para as empresas norte-americanas.

Apesar dos sorrisos diplomáticos, a China quer se afirmar como a potência mundial dominante. Os líderes mundiais

Amós era um pastor de ovelhas, e não um teólogo versado ou um professor de religião. Ele era um homem do campo, uma pessoa de bom senso, que entendia como a vida funcionava.

corporativismo e conluios, em muitos aspectos, não é justo. Alguns e-mails *hackeados* de membros do governo revelaram um aconchegante clube fechado, onde as elites navegam naturalmente entre os grandes interesses corporativos, o governo, o mundo acadêmico e o lobby—ao mesmo tempo em que aumentam exponencialmente seu patrimônio líquido.

Essa desigualdade tem contribuído para uma cultura de ódio e desconfiança da classe predominante. Na época de Amós, havia um abismo crescente entre ricos e pobres, à medida que as pessoas se aproveitavam cada vez mais dos outros. A história se repete hoje. O resultado são os graves problemas sociais que “pisam os pobres”.

O que Amós diria da situação atual?

Amós olhou para o estado de Israel de sua época e não viu quase nada para se salvar. A condição moral e ética do Estado era precária.

Em suma, Amós teve uma visão de Deus e um tempo de julgamento sobre a nação, quando todos iriam sucumbir: “Vi o SENHOR, que estava junto ao altar; e me disse: Fere os capitéis, para que estremeçam os umbrais; e faze tudo em pedaços sobre a cabeça de todos eles; e Eu matarei à espada até o último deles . . . enfim Eu porei os Meus olhos sobre eles para o mal, e não para o bem” (Amós 9:1-4).

A mensagem de Amós se aplica hoje aos Estados Unidos, à Grã-

Bretanha, ao Canadá, à Austrália e a outros povos de língua inglesa no mundo, que surgiram de antepassados comuns. As manchetes de hoje podem ser encontradas nessas profecias, que foram entregues a Israel há quase dois mil e oitocentos anos.

Esse é um forte alerta. Ele vem de Deus e se aplica diretamente hoje aos Estados Unidos. Este é um tempo para esta nação e para qualquer um que escutar atentamente o que Deus disse naquela época através desse antigo profeta. Embora hoje não haja um profeta como Amós para entrar no gabinete de um presidente, ainda há as palavras de Deus, que falam diretamente às nações e a seus líderes.

Imagine o que um profeta de Deus poderia dizer hoje ao novo presidente norte-americano. Talvez ele dissesse algo como isto: “Você está assumindo esse cargo no momento mais crítico da história deste país. A posição dos Estados Unidos no mundo enfrenta os maiores desafios desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Os inimigos da nação estão às portas. A escrita está na parede. A segurança e a prosperidade desta nação e a manutenção da atual ordem mundial estão em jogo. Muitos se perguntam o que sua administração fará para enfrentar esses desafios e liderar o país. A decisão sobre a maneira como você e a nação irá proceder está em suas mãos!” Sem dúvida, haveria muita admoestação para voltar-se para Deus e para seguir Seus caminhos.

(continua na página 8)

desejam que a China contenha o programa nuclear da Coreia do Norte. O regime instável e corrupto de Kim Jong Un é cliente da China. É conveniente aos interesses da China dar espaço à Coreia do Norte. Ninguém sabe quanto controle e influência a China tem sobre a Coreia do Norte. Uma ação hostil poderia criar uma conflagração nuclear que poderia sair do controle.

- O terrorismo islâmico radical não desapareceu. O Estado Islâmico, o Irã e a al-Qaeda aumentaram sua capacidade de atacar alvos globais. Sua capacidade de ataque é maior e mais letal do que tem sido no passado.

Nos últimos oito anos, a dívida externa dos Estados Unidos dobrou, alcançando quase vinte trilhões de dólares. Essa soma enorme e incompreensível representa outra ameaça significativa à segurança nacional. Você não precisa ser um especialista para ver isso e entender o que mantém os Estados Unidos economicamente viável no mundo. O fato não reconhecido é que, por enquanto, Deus mantém os Estados Unidos forte e próspero, apesar deste e de muitos outros problemas flagrantes.

Deus é o “anjo na tempestade” que continua vigiando os Estados Unidos da América. A longa e próspera história da nação é um testemunho da fidelidade duradoura de Deus às Suas promessas de criar esta grande e única nação do mundo moderno.



Nações como o Irã, a China, a Rússia e a Coreia do Norte e grupos terroristas desesperados, como o Estado Islâmico, planejam e desejam remover os Estados Unidos de sua posição de potência mundial dominante, mas o fato é que eles não vão conseguir fazer isso enquanto Deus estiver com Sua mão protetora sobre os Estados Unidos.

Os Estados Unidos e seu novo presidente se encontram em um tempo de prorrogação. Mas ainda está em tempo de ouvir essa mensagem de esperança e voltar-se para Deus e arrepende-se sinceramente.



Segurando a tempestade

Agora, eu espero que você esteja se questionando sobre alguns assuntos críticos. Sua vida é confortável. Você se preocupa com o atual estado das coisas, mas os Estados Unidos sempre conseguiram sobreviver—e, claro, ele ainda é o país mais poderoso do mundo. Por que você se preocuparia com isso, não é mesmo?

A verdade é que sem Deus segurando a tempestade, os Estados Unidos ficarão numa situação muito perigosa. Esta é uma mensagem difícil de aceitar e acreditar e a maioria das pessoas se encontram muito distraídas com a vida e não creem que seja possível que os Estados Unidos ou o Ocidente sejam derrotados. Em grande parte, Deus e a Bíblia já desapareceram da vida pública. Muitos já não sabem aonde buscar entendimento e esperança.

É muito importante que você entenda que Deus é paciente. Ele é misericordioso. *Mas Ele também é um Deus de julgamento.* Deus é o epítome da paciência, pois Ele espera muito tempo para que os pecadores se arrependam. Mas na época da mensagem de Amós, Sua paciência com Israel já estava se esgotando. Deus havia dito: “Não vou poupá-lo mais” (Amós 7:8, NVI). E depois de mostrar a Amós um cesto de frutos maduros, Ele declarou severamente: “Chegou o fim de Israel, o meu povo; não mais o pouparei” (Amós 8:2).

E você? O que vai fazer?

O que você pode fazer? Sinceramente, você não pode mudar o curso deste mundo, dessa nação e nem o plano de Deus para as nações. Mas você pode deixar que um grande desejo de servir a Deus e a Seu caminho tome conta de você. Você pode fazer o que Amós advertiu aos seus ouvintes e lamentar a ruína dessa nação.

Você também pode pedir a Deus que interceda por esse país. Como fizeram os outros profetas antes de Amós. Veja que Amós implorava quando Deus previa uma praga sobre a nação: “SENHOR Deus, perdoa, peço-Te; como subsistirá Jacó [Israel]? pois ele é pequeno!” (Amós 7:2). E Deus cedeu. Uma vez mais, Deus disse que iria trazer um fogo para flagelar a terra. E Amós implorou: “Soberano SENHOR, eu Te imploro que pares! Como Jacó poderá sobreviver? Ele é tão pequeno!” (versículo 5, NVI). E novamente Deus se conteve.

Por que Deus faria isso? *Porque Ele ouve a oração de uma pessoa justa.* As Escrituras mostram que Deus ouve orações de Seus servos fiéis, quando fazem uma sincera oração intercessora. Deus não quer que ninguém se perca (2 Pedro 3:9). Ele não tem prazer na morte dos ímpios (Ezequiel 33:11). Ele quer que você se arrependa e mude e que abandone a vida licenciosa e interrompa o ciclo do pecado, do sofrimento e da morte. *Deus quer que você se volte para Ele e viva.*

Mas o relato de Amós também mostra que até mesmo a misericórdia de Deus tem limites. Os pecados de Israel eram tão grandes que alcançou o limite de Deus. Ele disse: “Não os pouparei mais”.

Deus então começou a declarar Seu julgamento sobre Israel. A nação logo caiu em um declínio acentuado e, cerca de vinte anos depois que Amós entregou suas profecias, a maior parte do reino do norte de Israel foi levada cativa pelo Império Assírio e espalhada entre as nações—e o restante foi levado depois de pouco mais de uma década. Mas mesmo assim, Deus disse que haveria um futuro para esse povo, um eventual retorno. Ele não iria des-



Esta é uma mensagem difícil de aceitar, mas a verdade é que sem Deus segurando a tempestade, os Estados Unidos ficarão numa situação muito perigosa.

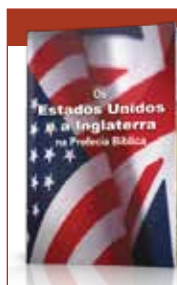
truir totalmente o povo de Israel. E a história e a profecia mostram que isso realmente aconteceu.

Atualmente, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Canadá e a Austrália—as principais nações de língua inglesa do mundo—são a prova da perene promessa de Deus, que cumpriu a palavra dada a Seu servo Abraão e seus descendentes. Esta chave pouco conhecida para entender a história e a Bíblia é o elemento ausente no estudo dos assuntos mundiais hoje em dia.

Hoje, esse mesmo Deus detém as escuras tempestades que pairam sobre as nações. Por enquanto, Ele está protegendo os Estados Unidos e outras nações de língua inglesa daqueles que os atacariam e trariam uma destruição indizível. Enquanto confiamos em nossos exércitos e em nossa inteligência para manter as muralhas seguras, a Palavra de Deus revela a verdadeira fonte de bênção e segurança—Ele é nosso refúgio e nossa fonte de bênção.

Está na hora dessa nação humilhar-se e arrepender-se profunda e sinceramente, fazendo ao contrário de tudo que já temos visto. Os Estados Unidos, como potência mundial, precisa de um grande despertar de proporções históricas.

Estamos em um tempo crucial de oportunidade. Cabe a você permitir que este aviso faça diferença em sua vida. Faça a escolha certa! **BN**



PARA SABER MAIS

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha passaram de um começo insignificante a maiores potências que o mundo já viu. E isso foi predito nas páginas de sua Bíblia! Baixe ou solicite gratuitamente nosso guia de estudo “*Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*”.

<http://portugues.ucg.org>



Após oito anos de domínio das políticas e programas liberais na cena política e social norte-americana, será que uma nova administração presidencial poderia fazer a diferença no comando do país? **por Mike Kelley**

Em oito de novembro de 2016, os Estados Unidos e o mundo assistiram ao fim da pavorosa campanha presidencial norte-americana. As surpresas e revelações continuaram até a última noite da campanha eleitoral, quando o bilionário Donald Trump chocou o mundo ao vencer a eleição.

Talvez desde a eleição de Abraão Lincoln em 1860, os Estados Unidos não têm uma eleição que demonstrasse as profundas divisões entre o povo norte-americano. Mais do que qualquer outra eleição recente, essa acabou se tornando uma disputa entre duas visões dos Estados Unidos. Os apoiadores de Trump o viam como um político estranho no ninho e não sujeito às poderosas elites, um candidato com uma nova visão para os Estados Unidos, que rejeita a agenda ultraliberal exagerada que ataca os valores judaico-cristãos tradicionais.

Hillary Clinton, que é uma ativista social desde o fim dos anos 1960, fez campanha em prol da continuidade da visão de Obama como a solução do governo federal para a maioria dos problemas internos dos Estados Unidos e a subordinação dos interesses dos Estados Unidos no exterior como uma receita para a paz e a estabilidade, enquanto continuando os programas de saúde pública, o apoio aos direitos dos homossexuais e as políticas migratórias de porta aberta.

O choque de valores aumentou as tensões entre os valores tradi-

cionais e a visão popular progressista em todo o país. Até mesmo os progressistas liberais têm admitido isso. “Temos duas culturas nesta nação”, disse a analista política da MSNBC Nicole Wallace. “Milhões de norte-americanos sentem-se alienados pelas elites culturais em ambas as regiões costeiras. Eles estão cansados de serem relegados ao segundo plano”.

Donald Trump aproveitou a raiva e a frustração de milhões de norte-americanos cansados desse caminho progressista-socialista, com um governo cada vez maior e maior, e da crescente hostilidade do governo contra os valores tradicionais americanos.

Análise pós-eleição

Para muitos, a campanha de Trump não pareceu muito “presidencial”. E seus contínuos ataques à filosofia predominante dos progressistas culturais enfureceram a grande mídia, que apesar de reivindicar objetividade não perdiam nenhuma oportunidade de atacar o candidato republicano.

Muitos eleitores prestavam atenção nas coisas que a grande mídia dizia de Trump, algumas das quais eram de fato atrozes, enquanto ignorava grande parte dos erros de Hillary. Posteriormente, alguns jornalistas da grande mídia admitiram isso. “Nós, da mídia, consideramos as observações dele como piores, mas é óbvio que o eleitor médio não viu dessa maneira. Eles viram como sendo grave o



escândalo acerca dos e-mails dela”, admitiu Wallace da MSNBC na noite seguinte à eleição.

Em uma análise pós-eleição, alguns observadores disseram que o Partido Democrata, que sempre foi visto como amigo da classe trabalhadora, parece ter atingido sua base eleitoral ao promover políticas econômicas e regulamentos que levaram ao fechamento de fábricas no país, criando milhões de empregos no exterior e importando milhões de imigrantes para competir por escassos empregos com trabalhadores norte-americanos. Trump fez campanha prometendo construir um muro ao longo da fronteira com o México e trazer de volta os empregos para o país.

Com uma fortuna avaliada em mais de três bilhões de dólares, Trump conseguiu autofinanciar sua campanha primária e grande parte de sua campanha presidencial. Sua negação de fidelidade financeira a qualquer partido político ou grupo de interesse provou ser inebriante para milhões de eleitores, que repugnavam as enormes e interesseiras contribuições tradicionais de campanha tanto de democratas como de republicanos.

Como ele governará? Qual será a sua agenda?

Esse pleito terá o controle republicano em ambas as casas, congresso e senado, assim Trump tem uma janela de oportunidade de pelo menos dois anos para fazer as mudanças que propôs. Os conservadores norte-americanos estão incentivando-o a agir rápido.

“A oportunidade histórica que ele e o Partido Republicano receberam nessa impressionante vitória de oito de novembro não vai durar muito tempo”, escreveu o comentarista conservador Pat Buchanan. “Seus adversários e inimigos políticos e a imprensa estão temporariamente atordoados e confusos. Portanto, agora é a hora de aproveitar essa grande abertura”.

Haverá um revigoreamento da economia?

Como tem sido o caso nas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos, os problemas na economia voltaram a ser a principal preocupação da maioria dos eleitores.

Retomar fortemente o crescimento econômico é o centro do plano econômico de Trump. Através de um programa de cortes de impostos sobre empresas e contribuintes, uma reforma regulatória e outros incentivos econômicos, ademais ele quer aumentar a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto da nação para 3,5% a.a., atualmente é de 1,5% a.a., e criar vinte e cinco milhões de novos empregos nos Estados Unidos na próxima década.

Seu plano de corte de impostos, ilustrado em seu site, concentraria em trabalhadores de renda média. De acordo com seu plano, um casal com dois filhos que ganha setenta e cinco mil dólares por ano teria uma redução de 30% nos impostos anuais. Sua abordagem de punição e incentivo para empresas baixaria de 35% (uma das taxas mais elevadas do mundo) para 15% os impostos (para incentivar as empresas a voltarem para o país), porém as empresas norte-americanas que operam no exterior vão pagar um imposto de 10% sobre os rendimentos repatriados—um forte incentivo para voltarem ao país.

Trump também colocou a culpa pela perda de postos de trabalho norte-americanos nas políticas de globalização que, segundo ele, “empurraram os empregos norte-americanos para fora do país”. Ele prometeu proteger os empregos no país e criar novos com políticas que estimulem a criação de novos negócios, incentivando as empre-



Trump fez campanha prometendo construir um muro ao longo da fronteira com o México e trazer de volta os empregos para o país.

sas a manter sua força de trabalho nos Estados Unidos. Seus planos também incluem reverter regulações desnecessárias que custam bilhões de dólares às corporações e aos seus clientes.

Em discursos de campanha em cada polo industrial, ele criticou severamente o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) e seu primo ideológico, o Tratado Transpacífico (TPP), como assassinos de emprego. Ele prometeu renegociar acordos comerciais em condições mais favoráveis para o país e, ao mesmo tempo, ameaçou tarifar rigidamente as empresas que levam empregos para o exterior e trazem seus produtos de volta para os Estados Unidos.

Será que esses planos poderiam revigorear a combalida economia dos Estados Unidos? Alguns conservadores advogam contra as medidas protecionistas. Outros dizem que a situação tem ficado muito difícil diante do crescimento econômico mediano de 1,55% nos últimos oito anos e do desemprego ou subemprego que atinge dezenas de milhões de norte-americanos.

Os valores tradicionais vão ressurgir?

Em sua campanha presidencial, Trump falou sobre a preocupação de milhões de norte-americanos que sentem que seus valores tradicionais foram arrastados por uma onda de pensamento progressista nas últimas décadas. Muitos o veem como moralmente questionável, mas acabaram votando nele por considerá-lo a melhor alternativa.

Segundo todos os relatos, os juizes de esquerda e a Suprema Corte dos Estados Unidos foram aliados ideológicos do movimento progressista. A administração do presidente eleito Trump terá a oportunidade de mudar isso com a nomeação imediata de um conservador para substituir o juiz Antonin Scalia, falecido em fevereiro de 2016.

Trump pode ter a chance de aumentar o nível conservador desse tribunal ao substituir três outros juizes da Suprema Corte do país, que já têm mais de oitenta anos de idade, dentre estes, dois têm posições liberais. Mas resta saber o que ele vai fazer.

No debate nacional sobre o aborto, os ativistas pró-vida estão esperançosos por uma eventual reviravolta na decisão do caso Roe vs. Wade de 1973, que levou ao assassinato de cerca de sessenta milhões de crianças nascituras nos Estados Unidos. Os defensores dos valores tradicionais vão trabalhar para encontrarem o caso certo para que ocorra um novo julgamento da questão perante um tribunal que esperam que seja mais conservador e pró-vida.

“Vamos nomear grandes juizes para a Suprema Corte... e serão juizes de grande intelecto... E vão ser pró-vida”, disse Trump em um encontro de cristãos conservadores em junho de 2016. Durante a campanha, ele divulgou uma lista de vinte e um juizes conservadores que ele poderia nomear para o tribunal.

Trump expressou um forte compromisso com o direito de portar armas, previsto na Segunda Emenda. Sua plataforma de campanha pede “o direito nacional de porte de arma”—assim legalizando o porte legal em todo o território nacional. Usando uma linguagem que lhe é peculiar, Trump disse em seu site: “Os agentes fazem um excelente trabalho ao aplicar a lei, mas eles não podem estar em todo lugar o tempo todo”.

Reconstrução da defesa nacional

Em sua campanha, Trump prometeu colocar os interesses do país em primeiro lugar, uma posição defendida por milhões de norte-americanos, mas um anátema para a esquerda e para aqueles que pensam que os Estados Unidos devem simplesmente “jogar bem o jogo político do grande tabuleiro de xadrez das nações”.

Sua plataforma pede um ressurgimento do exército norte-americano, revertendo uma tendência de redução gradual das forças de defesa dos Estados Unidos, que tinham um contingente de cerca de 550 mil soldados, quando Barack Obama assumiu o cargo em 2008, com previsão de diminuição para 460 mil soldados até 2017. Ele propõe um aumento imediato de 85 mil tropas para o Exército, a reconstrução da Marinha dos EUA para 350 navios e o crescimento do Corpo de Fuzileiros Navais para 36 batalhões de força total. Ele planeja pagar por isso eliminando desperdício de práticas de compras de defesa e programas federais desnecessários.

Quanto à política externa, Trump disse que seu governo vai acabar com as atuais políticas de mudança de regime e de construção de nação, enquanto atua com aliados árabes no Oriente Médio para exterminar a ameaça do Estado Islâmico. Ele quer uma nova abordagem para a Rússia, e acredita que pode trabalhar com o presidente russo, Vladimir Putin, para aliviar essas tensões. (No entanto, alguns estão bastante perturbados com a ideia de uma amizade entre os dois).

Trump fez da imigração ilegal um tema central da campanha, focalizando especialmente nos imigrantes ilegais do México e da América Central. Enquanto muitos observadores estão céticos quanto a seu plano de construir um muro na fronteira com o México para evitar a imigração ilegal, a maioria vê que seu apelo por uma análise mais rigorosa dos imigrantes será levado a sério em sua administração.

A sua posição sobre a imigração de muçulmanos para os Estados

Unidos é um ponto nevrálgico. Em face aos recentes ataques terroristas, perpetrados por muçulmanos na Europa e nos Estados Unidos, Trump pediu uma verificação mais rigorosa dos antecedentes de imigrantes de nações predominantemente muçulmanas. Trump disse que seu papel de comandante-em-chefe é o de fazer o que for preciso para manter a segurança nacional, tanto internamente como em todo o mundo.

Fortalecimento da Europa?

Embora não seja tão amplamente divulgado, Trump argumentou que os aliados europeus dos Estados Unidos na OTAN, e também os aliados asiáticos como o Japão e a Coreia do Sul, vão ter que assumir mais responsabilidade por sua própria defesa, inclusive pagar o que ele chama de parte justa dos custos militares.

Sua retórica tem preocupado os líderes europeus. Logo após o fim da votação de junho de 2016 para a saída do Reino Unido da União Europeia (ver “O Que o Brexit Significa Para o Seu Mundo?”, em nossa edição de setembro-outubro de 2016), os líderes europeus intensificaram os seus apelos para a formação de uma força de defesa europeia, composta por soldados de todas, ou a maioria, das nações da União Europeia.


Isso tem implicações proféticas. Por quase meio século, *A Boa Nova* e suas publicações predecessoras vêm antecipando o surgimento de uma grande força na Europa, formada como consequência da atual União Europeia.

Com uma população de mais de 450 milhões de habitantes e uma economia conjunta maior do que a dos Estados Unidos, essa superpotência poderia atuar como um leão feroz no cenário mundial, exercendo poder e influência em todo o mundo. A profecia bíblica revela, em Apocalipse 17, que tal poder seria controlado principalmente por dez líderes nacionais que “darão seu poder e autoridade” a um grande ditador, que a Bíblia se refere como “a besta”.

Tempos interessantes à frente

Uma coisa é certa: tempos interessantes nos esperam no futuro, enquanto os Estados Unidos lutam pela sua identidade e pelo futuro duma população dividida entre visões extremamente opostas e contraditórias. O novo presidente vai cumprir suas promessas? A nação fará mudanças reais para melhor ou continuará seu padrão de declínio?

Todas as nações estarão observando o novo governo de Trump. Por sua vez, você também precisa estar observando a Europa e o mundo, particularmente em como o povo norte-americano e as outras nações e líderes vão reagir a potenciais e importantes mudanças na política norte-americana. O futuro de todas as nações, incluindo nós de língua portuguesa—assim como seu próprio futuro—pode depender disso! **BN**



PARA SABER MAIS

A incrível história da ascensão dos Estados Unidos—e do seu inevitável declínio—foi predita há muito tempo na Bíblia. Você precisa entender o que a Bíblia diz acerca do que está por vir e por quê! Baixe ou solicite gratuitamente nosso guia de estudo “*Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*”.

<http://portugues.ucg.org>



A Nova Moralidade Radical: Aonde Isso Vai Nos Levar?

O mundo ocidental está vendo mudanças dramáticas que estão remodelando fortemente a sociedade. O que está acontecendo e por quê? Para onde isso está nos levando?

por Mike Kelley

Os Estados Unidos de hoje revela uma realidade inconfundível—o crescente afastamento de Deus e da moralidade tradicional. A eleição recente confirma que os Estados Unidos na deriva quanto à crença em Deus e nos valores tradicionais e segue em direção a um ponto de vista humanista, que promove novas visões radicais sobre o aborto, a homossexualidade, a identidade de gênero, o suicídio assistido, a clonagem de seres humanos e uma série de outras questões.

Sem dúvida, Deus parece estar cada vez mais distante do afeto e da admiração do público em geral.

Até mesmo a crença na existência de Deus está ruindo, de acordo com os resultados de uma enquete do instituto *Pew Research Center*, publicada em 12 de maio de 2015. A pesquisa envolveu trinta e cinco mil adultos de todas as regiões dos Estados Unidos, de 2007 a 2014, e mostrou que o percentual de norte-americanos que dizem ser “ateus” ou “agnósticos saltou de 16,1% para 22,8%, um aumento de quase 7% em apenas sete anos (“Mudanças no Panorama Religioso dos Estados Unidos”, Instituto Pew Research Center).

E isso não é nenhuma surpresa, pois a aceitação da sociedade acerca do estilo de vida de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros têm crescido proporcionalmente ao declínio da crença em Deus e nos ensinamentos morais da Bíblia. Uma pesquisa do instituto

Gallup, também realizada em maio de 2015, mostrou que 53% dos norte-americanos creem que é moralmente aceitável o estilo de vida de homossexuais e de lésbicas.

As leis estaduais que proibiam o comportamento homossexual foram revogadas. O “casamento” homossexual, um contrassenso, agora é lei em todo o país, até mesmo em estados onde maioria da população ainda é contra.

Isso deixa claro que, a nação cuja moeda diz: “Em Deus confiamos”, grande parte do povo deixou de respeitar e seguir os ensinamentos de Deus.

A nova moralidade

Como isso aconteceu? Para responder, será preciso voltar no tempo, logo após a Segunda Guerra Mundial. Por cerca de vinte anos, depois de 1945, a nação experimentou uma época de moralidade básica sólida e um forte crescimento econômico, em que a moralidade se baseava no que hoje é descrito como “valores tradicionais”.

O primeiro grande golpe ocorreu em meados da década de 1960. A “Grande Geração” assistiu a geração *baby boomer* ir para a faculdade ou para a guerra. Na universidade, os professores, a maioria ateu, atacavam a crença em Deus e nos valores tradicionais em prol dos valores humanistas. Aqueles soldados embrenhados nos arro-



zais vietnamitas começaram a questionar o fundamento ético da guerra.

Isso ficou conhecido como “a Nova Moralidade”, milhões de norte-americanos abraçaram um novo estilo de vida de liberdade sexual e drogas, revoltando-se contra a moral então conhecida. E milhões de baby boomers aplaudiram essa liberdade desejada há muito tempo, sem mais restrições à liberdade sexual ou ao uso de drogas. A frase “se dá prazer, faça” tornou-se o slogan da época.

Mas as consequências dessa onda de sexo ilícito foram o aparecimento de milhões de mães solteiras, de filhos ilegítimos, lares desfeitos e um grande aumento de doenças venéreas. O abuso de drogas desenfreado trouxe consigo a dependência química, as horríveis “viagens” do LSD e mentes permanentemente lesadas.

Nos anos de 1980, a moralidade tradicional minimizou um pouco essa loucura, na medida em que os *baby boomers* amadureciam, conseguiam empregos e constituíam famílias. Uma década marcada pelo ressurgimento dos valores

e que viu o crescimento do televangelismo e também a vitória de Ronald Reagan para presidente.

Mas, no fim do século XX, novamente os padrões morais começaram a resvalar. Pesquisas após pesquisas documentaram a mudança para a que hoje poderia se chamar de “Nova Moral Radical”, a qual se pauta pela aceitação de crenças e filosofias que não seriam toleradas nem nos anos setenta.

O século XXI trouxe um novo ataque aos valores morais. Com a aceitação da evolução e o novo deus do humanismo secular agora firmemente entrincheirado no sistema educacional, as crianças dos Estados Unidos foram ensinadas a descartar todos os valores e a tratar a moralidade tradicional como irrelevante e inútil. Assim, houve um grande aumento de abortos, de casamento homossexual, do suicídio assistido e até mesmo da poligamia.

Muitos não compreendem inteiramente essa mudança célere da sociedade. E, cada vez mais rápido, os Estados Unidos e o mundo ocidental estão aceitando práticas e estilos de vida que eram condenados e vistos, quase universalmente, como perversão na década de 1990.

Bem-vindo à nova moralidade radical

De uma maneira ou de outra, a história tende a se repetir. As consequências desse novo e admirável mundo de total tolerância, licenciabilidade e liberdade fazem os rebeldes da década de 1960 parecerem cordeirinhos.

Como chegamos a isso? A expulsão de Deus das escolas foi o primeiro passo. Uma série de decisões do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que começaram entre 1962 e 1963 proibindo-se a ora-

ção e a Bíblia nas escolas, praticamente expulsando Deus, a Bíblia e os Dez Mandamentos das escolas públicas. Com a ética judeu-cristã efetivamente barrada na sala de aula escolar, e seguidamente essa geração ainda mais doutrinada pelo humanismo secular na faculdade, começou a ver as crenças religiosas e os valores tradicionais como irrelevantes para o progresso da sociedade.

Uma nação obcecada em aceitar todos os estilos de vida possíveis esqueceu-se da severa advertência do Deus que afirmava acreditar: “*Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que põem as trevas por luz, e a luz por trevas, e o amargo por doce, e o doce por amargo!*” (Isaías 5:20, grifo do autor).

O governo dos Estados Unidos fez das escolas laboratórios de experimento social. Em maio de 2016, a administração Obama, por meio do Departamento de Educação, emitiu uma diretriz exigindo que as escolas públicas permitissem aos estudantes transgêneros usar os banheiros e os vestiários de acordo com sua “escolha de identidade sexual”.

Em outras palavras, um menino que pensa ser uma menina agora pode, legalmente, entrar no banheiro feminino, e vice-versa. Mas, certamente, essa decisão não protege os direitos da grande maioria das crianças que querem privacidade para usarem os banheiros e os vestiários e que podem, com todo o direito, se sentirem chocadas com esse comportamento.

A taxa de natalidade está em declínio nos Estados Unidos?

Embora não tenha sido amplamente divulgado, a taxa de natalidade dos Estados Unidos se encontra abaixo da taxa de reposição. Como a *Forbes* relatou no início de 2015, a taxa de natalidade oficial dos Estados Unidos de mulheres com idade entre 15 e 44 caiu para 62/1000, a menor já registrada, com uma taxa de fertilidade de 1,87 filhos ao longo da vida da mulher (“Nova Queda na Taxa de Natalidade dos Estados Unidos”, 28 de janeiro de 2015).

A aceitação cada vez maior de casais de gays e lésbicas, que não podem gerar filhos, fez com que alguns observadores questionassem se isso acabará aumentando ainda mais o declínio na taxa global de natalidade nos Estados Unidos.

Quando a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu a questão do casamento homossexual em 2015, um documento legal *amicus curiae* (amigo do tribunal) declarou em nome dos oponentes do casamento homossexual:

“Redefinir o casamento em termos sem gênero rompe o vínculo conceitual crítico entre o casamento e a procriação, adotando implicitamente um modelo de casamento adultocêntrico e diluindo o estímulo implícito que a instituição do casamento prevê a procriação pelos casais. Ignora a natureza inerentemente generativa dos casamentos heterossexuais e envia uma poderosa mensagem de que a procriação não é uma prioridade social valorizada” (Walter Schumm e Jason Carroll, “Como a Redefinição do Casamento Vai Acelerar o Declínio das Taxas de Natalidade nos Estados Unidos”, site LifeSiteNews, 29 de abril de 2015).

De forma direta, o resumo do tribunal disse que a crescente aceitação do casamento homossexual envia a mensagem de que as crianças—e as famílias—não são mais uma prioridade na sociedade norte-americana. Será que conseguiremos parar para refletir nas possíveis consequências disso?



Como Schumm e Carroll, citados acima, assinalam ainda: “A redefinição do casamento pode ter um impacto profundamente negativo na taxa de fertilidade dos Estados Unidos, *que já está abaixo do nível de reposição*. Isso, por sua vez, aumentaria a probabilidade de os Estados Unidos enfrentarem os mesmos problemas socioeconômicos que afligem outros países com contínuas taxas de fecundidade extremamente baixas”.

Há muito tempo, as nações vêm reconhecendo que o crescimento da população acompanha a prosperidade e segurança nacional. Desde a sua fundação há cerca de 240 anos, os Estados Unidos sempre tiveram uma população constantemente em crescimento junto com o desenvolvimento econômico. Agora, os economistas se preocupam com a possível falta de mão-de-obra num futuro próximo, que ameaçará o respaldo à crescente população de aposentados—um problema enfrentado pela Alemanha e outras nações europeias, que têm populações estagnadas ou em declínio.

A distorção da identidade de gênero natural

A diretora do Departamento de Educação sobre os banheiros unissex tem o foco no movimento transgênero como nunca dantes. Para a maioria, a luta se resume ao evidente constrangimento que

A aceitação da sociedade quanto ao estilo de vida homossexual e transgênero têm crescido proporcionalmente ao declínio da crença em Deus e nos ensinamentos morais da Bíblia.

a maioria das crianças enfrentará vendo alguém do sexo oposto em seu banheiro.

Será que houve alguma reflexão sobre o que essa mudança para banheiros unissex faria com a identidade de gênero durante os primeiros anos cruciais das crianças, quando tomam consciência de sua identidade sexual?

Um estudo da Universidade Johns Hopkins descobriu que 70 a 80% das crianças que expressam sentimentos transgênero “perderam espontaneamente esses sentimentos” à medida que cresceram. Elas simplesmente cresceram e esses sentimentos passaram (“A Cirurgia Transgênero Não É A Solução”, *The Wall Street Journal*, 12 de junho de 2014).

Isso tem sido notadamente trágico para os jovens que se submeteram à cirurgia de transgenitalização. Será que faz sentido dar aos jovens um tratamento radical de terapia hormonal de atraso da puberdade e de desalinhamento de gênero como preparação para uma eventual cirurgia quando é possível que eles mesmos passem a reconhecer a realidade física de seus corpos?

O aumento da aceitação da poligamia

Acontece que a poligamia também se beneficia da crescente aceitação do casamento homossexual. A pesquisa Gallup de maio de 2015 também revelou que a aceitação da poligamia mais que dobrou desde 2007, aumentando de 7% para quase 17%.

Inspirados pelas conquistas LGBT nos tribunais, os polígamos estão começando a pressionar pelo “direito” de ter várias esposas ou maridos. Embora ainda oficialmente proibido em todo o país,

um artigo do *Washington Post* de 2015 reconheceu que o apoio a isso está aumentando.

O artigo cita o papel que o entretenimento tem desempenhado na formação da opinião pública favorável a essa questão do casamento, afirmando: “Quando o vice-presidente Joe Biden demonstrou seu apoio ao casamento homossexual em 2012 . . . ele disse que o programa de televisão ‘Will e Grace’ provavelmente fez mais para educar o público do que quase qualquer outra coisa. Há argumentos para fazer o que o programa ‘Sister Wives’ tem feito para os polígamos” (*The Washington Post*, 2 de julho de 2015). A série de TV *Sister Wives* (Esposas irmãs), um reality show que apresenta a família de Cody Brown, que tem quatro esposas e dezoito filhos.

Mas se a questão aqui for a “igualdade”, então a poligamia contraria a noção de uma sociedade que pensa estar se tornando mais igualitária. Será que o auge do entretenimento dos ricos vai ser uma coleção de esposas? Será que os “haréns” vão entrar na moda?

Vemos uma onda progressista de pensamento liberal varrendo a nação, e até mesmo os conservadores aparentemente encolhendo os ombros e aceitando o que está por vir. O colunista conservador Ross Douthat disse isso no *New York Times*: “Uma cultura em que homens eminentes têm tido, rotineiramente, vários filhos com

várias esposas ao longo de décadas é que vão negar definitivamente o direito ao casamento às pessoas que querem a mesma coisa, mas só que tudo de uma vez?” (“As Perspectivas Para a Poligamia”, 30 de julho de 2015). Em sua opinião, a poligamia pode se tornar lei já em 2040.

Podemos imaginar facilmente como isso pode destruir o vínculo entre pais e filhos. Uma criança conhecerá sua mãe, mas crescerá aprendendo que o pai apenas forneceu o esperma e talvez pouco mais.

A santidade da vida sob ataque

A mesma pesquisa Gallup de maio de 2015, mencionada anteriormente, revelou que 68% dos norte-americanos apoiam o suicídio assistido, especificamente que “os médicos devem ser legalmente autorizados a ajudarem doentes terminais a cometer suicídio”. E isso representa um aumento de 10% desse ponto de vista depois de apenas um ano. Também foi muito esclarecedora a estatística que mostrou que 81% de pessoas, uma maioria ainda maior, na faixa etária de 18 aos 34 anos apoiam essa forma de eutanásia.

O que isso prenuncia para o futuro? Atualmente, a eutanásia é realizada quando solicitada por uma pessoa que se encontra sofrendo com uma doença terminal. Mas é preciso pouca imaginação para prever um futuro no qual as leis exigirão que muitos daqueles considerados “inaptos para viver” possam ter suas vidas ceifadas contra sua vontade.

Novamente, a história se repete. Em 1939, ainda durante a vida de muitos que hoje estão vivos, Adolf Hitler conseguiu aprovar leis na Alemanha que impunham a eutanásia aos deficientes mentais, aos loucos, àqueles com doenças incuráveis e outros, cujas vidas os nazistas achavam que “não valia a pena viver”.

Será que a aceitação generalizada do suicídio assistido é o primeiro passo nessa direção? O crescimento do apoio ao suicídio assistido seria apenas o primeiro passo no aumento do desrespeito pela vida humana? Será que quando nossos avós se tornarem um

Você está chocado e consternado por tudo que tem acontecido ao seu redor ou simplesmente está conformado com essa onda de ataques aos valores morais?

“fardo pesado”, simplesmente vamos dar-lhes um comprimido ou uma injeção letal para “livrá-los de sua miséria”?

A clonagem de seres humanos

A ciência fez grandes avanços na área da clonagem, onde uma célula de uma criatura viva é usada para fazer cópias dessa criatura. Ela foi revelada em 1996, com a clonagem da ovelha Dolly no Instituto Roslin em Midlothian, na Escócia, clonada a partir de uma célula de outra ovelha fêmea.

Diante das possibilidades de uma fonte de órgãos humanos substitutivos, certas áreas da medicina moderna avançam na técnica da clonagem. Mas onde isso poderia levar? Um número crescente de cientistas tem se mostrado contra a clonagem, em parte porque não podemos prever o que pode acontecer com esse monstro Frankenstein.

Na mitologia grega, a *quimera* é uma criatura composta por vários tipos de animais. Os meios de comunicação têm se apropriado dessa palavra para descrever a criação de órgãos humanos dentro de animais com o objetivo de colher essas partes do corpo para o tratamento de seres humanos.

Agora, alguns cientistas e médicos pesquisadores querem ir ainda mais longe. Seu objetivo é o desenvolvimento de embriões humanos, e talvez até mesmo de crianças totalmente desenvolvidas, de modo que seus órgãos possam ser “colhidos” para transplantes de órgãos.

Outros cientistas preveem um futuro em que os seres humanos serão “feitos sob medida” e concebidos em tubos de ensaio, e com qualquer conjunto de genética escolhido pelos pais. Os pais poderiam escolher não apenas o sexo da criança, mas também a cor da pele e do cabelo e outras características físicas. Eles poderão até pagar mais para encomendar crianças de fertilização *in vitro* personalizadas com inteligência superior ou habilidades atléticas.

Será que surgirão um milhão de clones de Einstein em 2050?

Os Estados Unidos em 2050

Vamos imaginar o mundo em 2050—daqui a apenas 33 anos—se as tendências atuais continuarem como estão. Em uma sociedade em que o Deus do universo foi substituído pelo falso deus do humanismo, como seriam as coisas?

Talvez assim:

A devoção total ao conforto e à conveniência dos adultos à custa dos nascituros e dos idosos agora é a regra. O aborto sob demanda destrói milhões de vidas humanas nascituras, enquanto a eutanásia generalizada elimina a maioria dos idosos e doentes.

A liberdade sexual irrestrita que permite a união de homens com homens, mulheres com mulheres, homens com várias esposas, mulheres com vários maridos e homens, e várias pessoas de ambos os sexos (supondo que as pessoas ainda serão definidas por gênero). As pessoas podem até ser autorizadas a casar-se com animais—ou “cidadãos não humanos”.

Com a clonagem tendo eliminado a necessidade de casamento para gerar filhos, o “casamento” (se o termo ainda existir) passou a ser qualquer tipo de relacionamento desejado por uma pessoa.

A aceitação total da clonagem criou milhões de seres humanos muito parecidos, em semelhança e atitudes, devido ao fato de terem sido feitos sob encomenda no tubo de ensaio. No outro extremo, milhões de clones humanos infelizes foram criados com a finalidade de prover órgãos para a afortunada raça principal.

A religião quase desapareceu. Os edifícios de igrejas nos centros urbanos foram demolidos para dar lugar a arranha-céus, e talvez alguns museus tenham sido preservados. (A única exceção pode ser um aumento maciço do islamismo radical—tolerado pelo medo e para ajudar a manter o cristianismo em declínio).

Sem dúvida, um cenário assustador. Como indivíduos, nós não podemos parar essa desenfreada corrida maluca desse *Admirável Mundo Novo*. Mas cada um de nós pode assumir o controle da própria vida e escolher não fazer parte dessa loucura da humanidade em nome do progresso.

Em paralelo com o nosso tempo, o Deus da Bíblia (cuja existência *pode ser comprovada*) disse à antiga Israel: “O céu e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti de que te pus diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição; *escolhe, pois, a vida*, para que vivas, tu e a tua descendência” (Deuteronômio 30:19).

Eis aqui a questão crucial: Você está chocado e consternado por tudo que tem acontecido ao seu redor? Ou você simplesmente está conformado com essa onda de ataques aos valores morais, que se disfarça de “mudança social”? Como mencionado anteriormente, a maioria dos norte-americanos concorda com essas mudanças sociais e não está preocupada com suas consequências.

Mas talvez você seja um daqueles que “suspira e geme por causa de todas essas abominações” que vêm ocorrendo ao seu redor (Ezequiel 9:4). Talvez você leia a notícia, observa mudanças na sociedade e balance a cabeça em sinal de desaprovação, mas fica esperando para ver o que vai acontecer. Ou talvez você gostaria de fazer a diferença.

A *boa nova* é que um mundo melhor *está* chegando. A mesma Bíblia que profetizou estas condições de hoje também revela a vinda daquele que tem o poder de acabar com essa confusão. E você pode ser parte desse movimento para espalhar essa notícia. Você pode ser parte da solução, e não do problema! **BN**



PARA SABER MAIS

Você não precisa ser arrastado pelo pensamento ímpio e antibíblico dessa sociedade. Escolha seguir o caminho de Deus—e passe a fazer parte da solução. Para saber mais sobre o novo mundo prometido por Deus, você pode baixar ou solicitar sua cópia gratuita do guia de estudo bíblico “*O Evangelho do Reino de Deus*”.

<http://portugues.ucg.org>



SERÁ QUE A VERDADE mentiras É TÃO IMPORTANTE ASSIM?

Vivemos em um mundo em que, como diz Isaías 59:14, “a verdade anda tropeçando pelas ruas”. A verdade é tão importante assim? Isso é importante para você?

por Rudy Rangel

Acho que eu estava no ensino fundamental quando ouvi a palavra *perjúrio*. Provavelmente, era a matéria de Moral e Cívica, e estávamos aprendendo sobre a classificação dos poderes no governo dos Estados Unidos.

Naquele dia estávamos discutindo sobre o funcionamento do poder judiciário e seus sistemas judiciais. Não me lembro de como surgiu o tópico, mas fiquei surpreso ao ouvir que havia uma lei contra mentir sob juramento. Fiquei chocado. Eu não podia imaginar que precisávamos de uma lei que proibia pôr a mão sobre a Bíblia, jurando dizer a verdade perante testemunhas, e, em seguida, dizer mentiras. Quem ousaria fazer isso?

Acontece que *muitos* se atreveriam a fazê-lo. Esse é o problema, por isso temos leis contra isso. Parece que era de se esperar das pessoas a atitude de reter, manipular e torcer a verdade—especialmente por conta da autopreservação.

Considere as notícias o que vimos nos últimos meses—o baixo nível dos diálogos nas eleições, em que os candidatos diziam que isso era necessário para minar seus oponentes. Na manhã seguinte de cada discurso ou debate, os meios de comunicação analisariam aquelas declarações e fariam um relatório sobre o que eram verdades e o que eram mentiras. Naturalmente, muitas vezes você não pode confiar nos comentaristas de notícias para determinar a veracidade de certo assunto. Ainda assim, todos nós vimos os políticos dizendo que era preciso prestar atenção neles, pois até eles fazem isso. Uma grande prova disso foi o que ocorreu no ano passado.

O medalhista olímpico Ryan Lochte havia dito aos repórteres que foi assaltado sob a mira de um revólver durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, Brasil. Mas, não demorou muito para os investigadores descobrirem que Lochte e alguns companheiros estavam bêbados e vandalizaram o banheiro de um posto de gasolina e que o proprietário havia exigido que pagassem pelo prejuízo.

Isso foi muito embaraçoso. Eu fiquei envergonhado, como norte-americano, por ter um representante de nossa nação,

como convidado em outro país, agindo como uma criança—e mentindo sobre isso para encobrir seu mau comportamento. Isso é vergonhoso.

Será que a verdade é muito importante? Essas pessoas famosas não parecem pensar que seja. Pois, temos visto suas atitudes e suas mentiras. Será que conseguiremos viver satisfatoriamente num mundo onde todos vivem dizendo suas próprias versões da verdade? Qual é o impacto negativo dessa realidade? Se estivermos satisfeitos com um mundo cheio de meias-verdades, como isso pode afetar nossos relacionamentos pessoais?

E ainda mais importante, como isso afeta nosso crescimento espiritual e relacionamento com nosso Pai celestial?

Deus nos ordena ser sinceros

Deus tem muito a dizer sobre a importância de falar a verdade. Os israelitas tremeram de medo quando Deus veio até a montanha para lhes declarar os Dez Mandamentos. Deus, com toda Sua autoridade, entregou o fundamento da lei e, pessoalmente, escreveu os mandamentos sobre tábuas de pedra para Moisés trazer para essa nação recém-libertada.

Um desses mandamentos diz respeito a dizer a verdade: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16).

O mandamento de Deus sobre esse assunto é claro e conciso quanto a mentir contra seu próximo. Ao estudar a Palavra de Deus, você percebe que este é um mandamento abrangente. O plano de Deus para você e para mim é acerca de *transformação*. Deus quer que o nosso cristianismo seja praticado com *todo* esforço. Esse mandamento de não prestar falso testemunho é muito mais do que evitar a mentira. Trata-se de *viver uma vida sincera*.

O rei Davi pediu o seguinte em Salmos 15:1-2: “Quem, SENHOR, habitará na tua tenda? quem morará no teu santo monte? Aquele que anda irreprensivelmente e pratica a justiça, e do coração fala a verdade”.

Aqueles que se tornarem parte do Reino de Deus sempre, de coração, falarão a verdade. Falar a verdade de coração significa *abraçar completamente a verdade*. A verdade deve ser *profundamente parte de nós*.

Aqueles que estarão no Reino de Deus vão passar toda a vida em busca da pureza—*uma existência buscando e vivendo na sinceridade*.

O que torna esse processo tão difícil é o fato de *vivermos numa cultura que não valoriza a verdade*. Chegamos até a aceitar as meias-verdades, os boatos e a desinformação como normal. Pondere todas as informações e notícias dos veículos de comunicação. Temos nos tornado completamente tolerantes quanto a *versões* da verdade. Até podemos escolher o sabor mais agradável da verdade para nós, conservadora ou liberal. Precisamos entender que até as meias-verdades também têm uma porção de engano.

Será que podemos escolher a nossa própria verdade?

Na Bíblia vemos que o povo do reino de Judá estava cansado de ouvir a repreensão dos profetas de Deus. Eles não queriam ouvir a verdade ou o julgamento de Deus. Na verdade, eles queriam continuar vivendo uma vida contrária à instrução de Deus e ignorar o que Ele tinha a dizer sobre isso. “Eles pedem aos videntes que não tenham visões e dizem aos profetas: ‘Não nos anunciem a verdade; inventem coisas que nos agradem’” (Isaías 30:10, BLH).

Quando escolhemos apenas o sabor da verdade que queremos ouvir, então estamos fazendo praticamente a mesma coisa. Uma questão pode ter diferentes lados. Sem dúvida, é bom ter opiniões firmes quando já temos procurado e investigado profundamente essa verdade de todos os ângulos. Considerar todos os lados é bom, mas saiba que a *opinião de Deus* é suprema em qualquer assunto.

Então, conseguiremos distinguir realmente o que é verdade? Porque não podemos confiar somente na tendência da mídia. Uma tendência pode influir em todos os aspectos de nossas vidas. Ryan Lochte deu uma versão muito tendenciosa daqueles eventos para proteger sua imagem. E dois candidatos presidenciais passaram meses nos contando suas versões de quem são e o que fariam como líder dos Estados Unidos.

Quem, realmente, acreditou em cada palavra que eles disseram? Provavelmente ninguém. Ninguém acreditou neles porque nos tornamos acomodados e, talvez, até mesmo habituados ao fato de mentirmos quase diariamente. De uma pequena criança aos líderes de nossas nações, sabemos e compreendemos que estamos recebendo uma *versão* da “verdade”, ou seja, que pode ou não ser exata.

Em Provérbios 22:1 diz: “A boa reputação vale mais que grandes riquezas; desfrutar de boa estima vale mais que prata e ouro” (NVI). Houve um tempo em que honestidade e integridade eram características altamente valorizadas. Mas agora a ofensa está no auge, e maltratar os outros e dizer o que quiser sobre alguém é prática corriqueira em nossa sociedade. Características que outrora pareciam boas e saudáveis agora parecem uma demonstração de fraqueza e complacência. A honestidade, a humildade e a paciência já não são mais características de uma pessoa valorosa.

Você está disposto a buscar e a viver pela verdade?

Eu me lembro de assistir a primeira temporada do programa de TV *Survivor*. Esta foi a única temporada que assisti. Desde então, eu assisti alguns episódios aqui e ali, mas na primeira temporada vimos

algo novo. Aquele era um jogo como nenhum outro. O programa mostrava a natureza humana, o engano e a ganância dos competidores em busca da vitória. Eles usavam de astúcia para vencer, não de honestidade. Os participantes honestos eram os primeiros a sair. A pessoa honesta não se encaixava naquele mundo implacável.

Então, como uma boa reputação levaria a ser estimado, segundo o provérbio? O vencedor daquele programa ganhou um milhão de dólares e foi apresentado em todos os programas televisivos como um campeão. Lentamente, nós nos acomodamos a um estilo de vida tolerante ao fato de que é preciso ser desonesto para se vencer na vida.

Perdemos de vista e até rejeitamos a fonte da verdade. Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). A verdade suprema é a de Deus. É Seu reino. Deus sempre fala a verdade. Mas não é isso que as pessoas querem ouvir. Todo mundo quer ter sua própria perspectiva ou versão de como as coisas são ou deveriam ser para ser verdade.


O homem nem sempre tem respeitado a verdade de Deus. “Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis.

“Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre” (Romanos 1:21-25, NVI).

E quanto ao nosso relacionamento com Deus? Será que valorizamos a fonte da verdade? Será que O adoramos em espírito e em verdade? Pois, isso é o que é exigido de você (João 4:23).

O fato é que a verdade está aí fora. Se estivermos seguindo a Deus e procurando viver uma vida que Lhe agrade, então *devemos buscar a verdade dEle*. A Bíblia diz que Deus não pode mentir (Tito 1:2). Seu *próprio ser* é a verdade.

Ele enviou Seu Filho para viver uma vida perfeita e nos deixar um exemplo. Nós também devemos procurar viver uma vida verdadeira. E deixar Deus fora de nossas vidas não vai nos levar a ter uma vida baseada na verdade. *O oposto* disso acabará acontecendo se não tivermos cuidado. Devemos olhar para Deus porque Ele é a verdade. Ele é Quem nos diz qual é o padrão—o indicador da verdade. Cada vez mais, a verdade deve fazer parte de nós. A verdade precisa estar em nossos corações e em nosso íntimo. Ela é uma característica muito valiosa. Sem dúvida, a verdade é importante. Deus se importa com a verdade e nós também devemos nos importar. **BN**

PARA SABER MAIS	
	Como seria viver num mundo íntegro em comparação com o mundo de hoje? Que diferença faria se todos vivessem de acordo com as leis de Deus? Solicite ou baixe o nosso guia de estudo bíblico "Os Dez Mandamentos". Uma cópia gratuita está esperando por você!
http://portugues.ucg.org	

Abrir Espaço Para A Natureza Divina

Não basta deixar Deus entrar em nossas vidas. Devemos abrir-lhe toda a nossa vida, entregando-nos totalmente a Ele para alcançarmos a bênção final.

por Robin Webber

No Teatro do Pacífico da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos empreenderam uma campanha sistemática de conquistar uma faixa de ilhas que conduziriam, eventualmente, à entrada do Japão, seu objetivo final. Ilha por ilha, a Marinha foi rompendo as defesas japonesas com bombardeios contínuos. Então, os fuzileiros navais (meu pai foi um deles) eram enviados para estabelecer uma base na praia. Após estar assegurada a área, eles transmitiam a mensagem de missão cumprida aos navios.

Mas, na verdade, a conquista era apenas em sentido limitado. Pois, a maior parte da ilha ainda era controlada pelos japoneses! Levaria tempo até que toda a ilha estivesse segura e sob seu controle. E isso não dizia respeito a toda a operação porque havia muito mais ilhas a conquistar. Assim, o desembarque apenas fazia parte de uma articulação daquela jornada rumo à vitória.

Nesse episódio histórico há um relevante paralelo com o chamado de Deus a nós. Como pessoas de fé, às vezes, podemos atuar sob duas falsas noções, que podem impedir a realização do desejo de Deus em nós. A primeira noção falsa é que, depois de nos arretermos de nossos pecados, aceitarmos a Jesus Cristo como nosso Salvador e sermos batizados, nossos maiores desafios ficaram para trás. Afinal, como os fuzileiros, chegamos à praia—missão cumprida!

A segunda noção falsa surge quando a neblina da guerra espiritual nos envolve enquanto estamos presos no fogo cruzado da vida, projetando em nosso interior mensagens desfocadas de que estamos sozinhos e por isso não conseguiremos lutar “o bom combate da fé” (1 Timóteo 6:12, ARA).

Ambos os equívocos são claramente minados pelas inequívocas declarações bíblicas, que nos fazem entender e ficar grato por Deus, praticamente, fazer tudo sozinho, pois nossa responsabilidade é a de agradecer, de coração, a Sua intervenção em nossas vidas enquanto nos esforçamos para viver pelo Seu chamado de seguir a Cristo.

Um chamado ao despertar espiritual

Em meu artigo anterior desta seção “Segue-Me”, na edição novembro-dezembro 2016 desta revista, eu expliquei que o Espírito Santo não é apenas uma ferramenta espiritual ou chave que usamos apenas quando precisamos, mas é a presença permanente de Deus

e de Cristo dentro de nós, a qual permitiu a Paulo dizer que Cristo vivia através dele (Gálatas 2:20).

A verdade é que Deus escolheu trabalhar “de dentro para fora”, que é exatamente o oposto de como atua a humanidade. Vejamos o caso de Adão e Eva, que buscaram de fora algo para colocá-los em pé de igualdade com Deus—quando Deus pretendia que isso fosse feito de uma maneira completamente diferente para que eles pudessem ser transformados em Sua própria semelhança espiritual.

Esta é uma questão fundamental a se ponderar: Se Cristo habita em nós, e recebemos a salvação pela graça de Deus e não por nosso próprio mérito ou esforço humano, então o que nos resta fazer?

Devemos apenas nos sentar e, por assim dizer, “deixar o motorista dirigir”? Ou fomos chamados a uma parceria ativa e dinâmica com Deus para avançarmos de Seu ponto inicial em nossas vidas até algo muito maior, ou seja, até que Seu Espírito preencha amorosamente cada elemento de nossa existência? Paulo alude a esse processo ao escrever sobre sua visão de futuro, até ao tempo em que “Cristo seja formado em vocês” (Gálatas 4:19, NVI).

O que ainda nos detém?

Não há dúvida acerca do desejo de Deus. Não há dúvida de que Ele e Cristo habitam, literalmente, naqueles que aceitaram o Seu chamado e receberam o Espírito Santo (ver João 14:23). A única questão é: Que parte de nossas vidas ainda está nos impedindo de nos entregar total e voluntariamente a Deus?

Sim, aquela parte que ainda não foi totalmente ocupada pelo Seu Espírito, como nosso matrimônio, a educação dos filhos, o desafio de lidar com certos colegas de trabalho, vizinhos e membros da igreja, o álcool, o jogo, as responsabilidades financeiras e qualquer outro elemento pessoal de nossa decisão que tenhamos deixado de fora dos limites da poderosa salvação de Deus.

Vamos ser realistas: A maioria de nós tem cômodos em casa, que eu chamo de “quarto do despejo”. Esse local não se encontra na planta de sua casa, mas todos nós sabemos que existe, não é? Pois, é aí que colocamos todos os *montes de coisas* que não tivemos tempo de resolver o que fazer ou não sabemos o que fazer ou não queremos lidar com isso—por isso jogamos ali.

Alguns desses *montes de coisas* ficam em caixas. Outros montes de coisas ficam espalhadas pelo chão. Algumas coisas mais complicadas ficam entulhadas nos *armários* desse quarto do despejo. E deixamos



essa porta trancada quando recebemos visitas importantes para demonstrar que temos uma vida bem organizada—mas sabemos bem que temos assuntos inacabados.

Esse cenário é um paralelo com nossa vida. Há *quartos dos despejos espirituais* com montes de coisas que precisamos abrir para Deus, permitindo que Ele entre cooperando com Sua obra para nosso próprio bem.

Deus já sabe sobre seus montes de coisas espirituais. Ele está apenas esperando o convite para continuar aumentando Sua obra em você—não por coação, mas de acordo com seu desejo sincero.

Paulo não é o único escritor do Novo Testamento que fala que Deus habita em nós. O apóstolo Pedro ecoa a expressão de Paulo e nos desperta para a realidade de que devemos ser “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4).

"Quartos de despejo" são lugares onde colocamos tudo aquilo que não tivemos tempo de resolver o que fazer ou não sabemos o que fazer ou não queremos lidar com isso.

Aqui estava uma pessoa a quem Jesus ofereceu o convite para segui-Lo do início do discipulado (Mateus 4:19) até sua última conversa registrada (João 21:19). Esse é, essencialmente, o mesmo convite e a mesma admoestação que Cristo faz a cada um de nós, enquanto avançamos para Sua base em nossa vida e começamos a permitir que Ele ocupe cada parte de nosso ser.

Então, como abrimos espaço para a natureza divina?

Permitir que Deus faça a Sua Obra

Pedro nos fornece o plano, começando por se descrever não apenas como um apóstolo, mas também como um escravo de Cristo.

Podemos facilmente nos concentrar no incrível apelo apostólico de pregar o evangelho e rapidamente nos esquecer dessa outra participação pessoal de escravidão. Algumas versões bíblicas portuguesas traduzem a palavra grega original *doulos* como “servo”. Mas seu significado é mais do que isso. Ela significa *escravo*.

Um escravo era um indivíduo que comprado e pago, e sua vida não lhe pertencia. Ele tinha que satisfazer sempre os desejos de seu mestre e atender a suas ordens. Ele tinha que dedicar cada fibra de seu ser e todo seu tempo a um único propósito—obedecer fielmente às ordens de seu mestre.

Devemos ter o mesmo entendimento de Pedro, conforme foi definido, mais adiante, por Paulo, quando ele nos lembra, de maneira chocante, que fomos “comprados por preço” e agora somos “escravos da justiça” (1 Coríntios 6:20, Romanos 6:16-18, NVI).

Mas essa escravidão a um Deus bondoso traz incríveis bênçãos. Pedro refere-se a Deus como a um Mestre amoroso que com “o seu divino poder nos tem dado tudo o que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por

sua própria glória e virtude” (2 Pedro 1:3). Este conhecimento não é terreno, mas enviado do céu. E foi entregue por meio divino e não humano.

Ele não está falando de um conhecimento banal, mas de um que chegou até ele num encontro pessoal com Cristo, quando Ele perguntou: “Quem dizeis que Eu sou?” Respondeu-lhe Simão Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. E, disse-lhe Jesus: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas Meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:15-17).

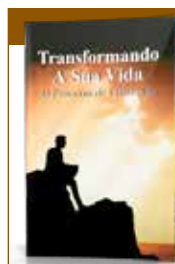
Compreender quem é Deus e o que Ele fez e está fazendo em nós, através de Cristo, é uma revelação. Para ser mais claro e franco: É um milagre e um presente. Nós não podemos alcançar isso por nós mesmos. Não podemos comprá-lo. Não podemos ganhá-lo por mérito humano. Isso vem de Deus, através de Seu Espírito e de Sua Palavra.

Por isso, devemos ceder e cooperar, estimando grandemente a obra de Deus em nossas vidas. Devemos mostrar a Deus que compreendemos o que Ele fez através de Cristo, que realmente “captamos”, e então corresponder de forma obediente e amorosa, permitindo que Seu Espírito ocupe todas as facetas de nossas vidas —novamente, não por repressão ou coação, mas de acordo com nossa sincera vontade.

Será que é um pouco assustador abrir mão e permitir que Deus entre nesses espaços fechados de nossas vidas? Sem dúvida, é! Mas é aí que entra a fé viva, com o Espírito de Deus Pai e de Jesus Cristo habitando pessoalmente em nós. O evangelho sempre esteve destinado a ser um meio para ter-se um encontro pessoal com Deus e não meramente um manual para ter sucesso na vida.

Digno de nota é a reflexão de Paulo sobre seu chamado, ele declarou: “Por esta razão sofro também estas coisas, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (2 Timóteo 1:12). Observe que a ênfase não estava no *que* Paulo conhecia, mas em *quem* ele conhecia!

Como soldados espirituais de Jesus Cristo (2 Timóteo 2:3), não estamos sozinhos nessa praia, e não temos que sucumbir na neblina dessa guerra. O próximo artigo desta seção “Segue-Me” será dedicado a abertura de alguns desses cômodos de nossas vidas, que atualmente estão fechados—um por um—à medida que refletimos mais nas ideias de Pedro sobre como abrir espaço para a natureza divina. **BN**



PARA SABER MAIS

Como começar a viver uma vida de entrega a Deus, uma vida que agrade a Ele, uma vida transformada pelo Espírito e o poder de Deus? Você precisa ler nosso guia de estudo bíblico “*Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão*”. Baixe ou solicite sua cópia gratuita hoje mesmo!

<http://portugues.ucg.org>



Quem foi Jesus?

Quem Jesus era realmente? Por que Ele veio? Quem é o que é Ele agora?
Você precisa entender as respostas diretamente de sua Bíblia!

por **Scott Ashley**

Quem era realmente Jesus de Nazaré? Sem dúvida, Ele é um dos personagens mais famosos da história—tão famoso que a história é dividida no período anterior e posterior ao Seu nascimento (A.C., ou “antes de Cristo” e D.C., “depois de Cristo”). Um terço da raça humana afirma que O seguem.

Muitas teorias sobre Ele têm surgido nos últimos dois mil anos—de louco a Messias e de Filho de Deus a um criminoso comum. As pessoas têm ideias variadas sobre o que Ele ensinou e qual foi Sua missão e propósito. Milhares de árvores foram cortadas para fornecer papel para imprimir milhões de livros sobre Ele, e toneladas de tinta foram derramadas nessas páginas.

Mas quem Jesus disse que era? O que Ele disse sobre Sua missão e propósito? O que Ele declarou abertamente sobre Si mesmo?

A maioria das pessoas O vê como um homem sábio e mestre. No entanto, Jesus afirmou ser muito mais do que isso—mais do que um homem, mais do que um mestre, mais do que um profeta.

Se Jesus não era divino, se não era quem e o que afirmava ser, então a fé cristã não significa nada.

Ele afirmou ser *nada menos do que Deus na carne!*
Refleta nisso profundamente por um instante.

Será que importa se Jesus é o que afirmou ser?

Tornou-se um clichê algum indivíduo ludibriador pensar que é Napoleão Bonaparte, George Washington ou outra figura histórica notável. Mas pouquíssimos têm a coragem de afirmar que são Deus na carne!

Mas Jesus fez isso. Não apenas uma vez, mas *muitas* vezes. Algumas dessas ocasiões foram bastante oblíquas. E outras foram muito óbvias—tão óbvias que aqueles que ouviram ficaram furiosos e logo queriam *matá-Lo* por blasfêmia.

Mas isso importa? *Sem dúvida que sim.* Se Jesus não era divino,

se não era quem e o que afirmava ser, então a fé cristã não significa nada. Certamente, Ele ensinou bons princípios, mas quem iria querer seguir uma religião baseada em delírios de um louco ou mentiroso?

Mas se as afirmações de Jesus são verdadeiras—que Ele é o Filho de Deus e que era Deus na carne, que veio à Terra para viver, morrer e ressuscitar para nos mostrar o caminho para a vida eterna—então esse é *o evento mais surpreendente da história humana*. E que exige *nossa total atenção*. E também exige que *analisemos as evidências*. Ademais, exige que tomemos uma decisão, pois somos *completamente responsáveis* pela maneira como decidimos reagir a isso!

Nada poderia ser mais importante para você e sua vida!

As surpreendentes declarações de Jesus

Então, quem—e o que—Jesus afirmou ser?

Ele fez uma ousada afirmação sobre Sua identidade em João 8:58. Em um de seus muitos debates com aqueles que se Lhe opuseram, Ele declarou: “Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, EU SOU”. Em português isso parece confuso. Mas Jesus estava falando em aramaico ou hebraico, e aqueles que O ouviam entenderam que Ele estava fazendo uma afirmação que, *imediatamente, os levaria a tentar matá-Lo*.

O que isso significava? O que Jesus disse para que eles quisessem matá-Lo por blasfêmia?

Abraão tinha vivido cerca de dois mil anos antes. Jesus não estava dizendo apenas o que existia antes de Abraão, mas também que Ele era *o próprio Deus de Abraão, Isaque e Jacó*. Ele estava revelando Sua verdadeira identidade—que Ele era o Ser que os judeus conheciam e adoravam como Deus no período do Velho Testamento!

Tempo depois de Abraão, quando o grandioso Deus revelou-se a Moisés na sarça ardente, Moisés Lhe perguntou qual era o Seu nome. “EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós” (Êxodo 3:13-14, grifo nosso).

Quando Jesus os assustou ao dizer: “Em verdade vos digo que *antes que Abraão existisse, EU SOU*”, os judeus entenderam exatamente o que Ele queria dizer. “Então pegaram em pedras para Lhe

João revela que o Ser que se tornou Jesus Cristo, na verdade, foi Quem criou todo o universo, conforme registrado no livro de Gênesis.

atirarem” (João 8:59). Eles queriam matá-Lo porque em suas mentes Ele era culpado de blasfêmia por alegar ser Deus!

Quando Jesus afirmou ser “EU SOU”, Ele estava dizendo que Ele era o Deus que se revelou a Moisés e que disse que Seu nome era “EU SOU”.

Os judeus entenderam exatamente quem e o que Jesus afirmou ser—Aquele a Quem a nação deles adorava como o Deus de Israel.

“Eu e o Pai somos um”

Noutra ocasião, os judeus confrontaram Jesus, perguntando: “Até quando nos deixarás perplexos? Se tu és o Cristo [o Messias profetizado], dize-no-lo abertamente” (João 10:24). Jesus respondeu: “Já vo-lo disse, e não credes” (João 10:25). Ele já havia confirmado Sua identidade divina, como acabamos de ver, bem como em outra ocasião anterior (João 5:17-18).

Jesus acrescentou: “As obras que Eu faço em nome de Meu Pai, essas testificam de Mim” (João 10:25). Essas “obras” eram milagres que *apenas Deus* podia fazer. Os inimigos de Jesus não podiam refutar Seus feitos miraculosos, muitos dos quais estão registrados nos Evangelhos.

Jesus então fez outra declaração que os enfureceu: “Eu e o Pai somos um” (versículo 30). Ele alegou que tanto o Pai quanto Ele eram divinos. Como antes, não havia dúvida sobre a intenção de Sua declaração, porque “os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar” (versículo 31).

Ao perceber a intenção homicida deles, Jesus disse: “Muitas obras boas da parte de Meu Pai vos tenho mostrado; por qual destas obras Me apedrejais? Responderam-Lhe os judeus: Não é por nenhuma obra boa que vamos apedrejar-Te, *mas por blasfêmia*; e porque,

sendo Tu homem, *te fazes Deus a ti mesmo*” (versículos 32-33).

Novamente, eles entenderam exatamente o que Jesus queria dizer. Ele estava dizendo-lhes claramente qual era Sua identidade divina, ou seja, que Ele era Deus como Deus o Pai era Deus.

“Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”

O Evangelho de João registra outra ocasião em que Jesus irritou os judeus ao reivindicar Sua divindade. Isto ocorreu depois que Jesus curou um homem coxo num tanque de Betesda, em Jerusalém num Sábado.

De acordo com a lei de Deus, nenhuma obra deveria ser feita no Sábado. E as autoridades religiosas judaicas ficaram furiosas, pois interpretavam erroneamente o mandamento do Sábado e assim incluíram o que Jesus estava fazendo em sua interpretação. “Por isso os judeus perseguiram a Jesus, porque fazia estas coisas no Sábado” (João 5:16).

Nesta ocasião, Jesus também fez uma declaração que não passaria despercebida por eles: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”.

Como eles responderam a essa declaração dEle? “Por isso, pois, os judeus *ainda mais procuravam matá-Lo*, porque não só violava o Sábado [segundo a interpretação equivocada deles], mas também dizia que Deus era Seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (versículos 17-18).

O Verbo estava com Deus e era Deus

A Bíblia revela claramente que há dois Seres divinos, Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Filho. No entanto, antes de Jesus ser gerado e ter nascido como um ser humano, a Bíblia não menciona esses dois

A Alegação dos Discípulos de Jesus

As declarações daqueles que conheciam pessoalmente Jesus, que foram ensinados por Ele e que escreveram a maior parte do Novo Testamento, são totalmente coerentes com as asseverações de Jesus sobre Si mesmo.

Seus discípulos eram judeus monoteístas. Para eles concordarem que Jesus era Deus, e depois dar suas vidas por essa crença, certamente nos demonstram que eles viram com seus próprios olhos que as afirmações de Jesus eram muito convincentes, a ponto de não deixar nenhuma dúvida em suas mentes.

Mateus, o primeiro evangelista, conta a história do nascimento virginal de Jesus. Citando Isaías 7:14, Mateus comenta sobre esse evento milagroso: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um Filho, o qual será chamado Emanuel, que traduzido é: Deus conosco” (Mateus 1:23). Mateus está deixando claro que compreende que essa criança é Deus—“Deus conosco”.

João também é explícito no prólogo de seu Evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus . . . E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:1-14).

Alguns dos discípulos chamaram Jesus diretamente de *Deus*. Quando Tomé viu suas feridas, exclamou: “*Senhor meu, e Deus meu!*” (João 20:28). Alguns veem isso como simplesmente uma expressão de surpresa. Mas tal uso profano do nome de Deus teria sido inaceitável entre os judeus daquela época.

Paulo refere-se a Jesus, em Tito 2:13, como “*nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus*”. Pedro também o chama de “*nosso Deus e Salvador Jesus Cristo*” (2 Pedro 1:1).

O livro de Hebreus é o mais enfático ao dizer que Jesus é Deus. Hebreus 1:8, ao aplicar o Salmo 45:6 a Jesus Cristo, afirma: “Mas, Mas, do Filho, [o Pai] diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos”. Outras partes do livro de Hebreus explicam que Jesus é superior aos anjos (1:4-13), superior a Moisés (3:1-6) e maior do que os sumos sacerdotes (4:14-16; 5:10). Ele é maior que todos estes, porque *Ele é Deus*—juntamente com o Pai.

— Extraído de nosso guia de estudo bíblico gratuito “*Deus é uma Trindade?*”.





"Deus . . . nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por Quem fez também o mundo".

seres como Pai e Filho. Isso é compreensível, já que eles ainda não estavam em um relacionamento de pai e filho naquela época.

Em uma impressionante visão registrada no sétimo capítulo de Daniel, cerca de 550 anos antes do nascimento de Jesus Cristo, Daniel descreve esses dois seres divinos como “o Ancião de Dias” (Deus o Pai) e “como o Filho do Homem” (que se tornaria humano, como Jesus Cristo, sendo que o termo mais comum que Ele usou para si mesmo foi “o Filho do Homem”).

João 1:1-2 descreve um tempo antes da criação do mundo, quando existiam dois Seres divinos: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus”. Aqui João se refere a esses dois Seres “o Verbo” e “Deus”—afirmando, especificamente, que também “o Verbo era Deus”.

João continua explicando quem era “o Verbo”: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (versículo 14). Obviamente, o “Unigênito do Pai” que “se fez carne e habitou entre nós” é o Ser que se tornou Jesus Cristo. E o “Deus”, ao qual João 1:1-2 se refere, é o Pai—embora “o Verbo [que se tornou Jesus Cristo] era Deus” também.

Jesus foi o Criador de todas as coisas

Imediatamente após afirmar que “o Verbo era Deus” e que “Ele estava no princípio com Deus”, João faz uma declaração extraordinária: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (versículo 3).

Surpreendentemente, João revela que o Ser que se tornou Jesus Cristo, na verdade, foi Quem criou todo o universo, conforme registrado no livro de Gênesis! Várias outras passagens da Bíblia confirmam essa verdade. Observe:

“Porque Nele [Jesus Cristo] foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de todas as coisas, e Nele subsistem todas as coisas” (Colossenses 1:16-17).

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e

por Quem fez também o mundo” (Hebreus 1:1-2).

Deus Pai é a autoridade suprema, mas foi Cristo quem realmente fez a obra criadora. “Deus . . . tudo criou por meio de Jesus Cristo” (Efésios 3:9, ACF). Colossenses 1:17 confirma que o Ser que se tornou Jesus Cristo tinha de existir “antes de todas as coisas”, porque Ele criou “todas as coisas nos céus e na terra”.

Estas passagens deixam muito claro que Jesus Cristo não era apenas divino, mas era o próprio Deus que criou todo o universo!

“Ninguém viu o Pai”

Mas o primeiro capítulo de João contém outra declaração impressionante, que nos ajuda a entender quem e o que realmente é Jesus Cristo. João, concluindo sua explicação da existência de Jesus Cristo, desde o princípio com o Pai, afirma: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito . . . esse O revelou” (versículo 18, ACF).

O próprio Jesus Cristo também afirma isso em João 5:37: “E o Pai que Me enviou, Ele mesmo tem dado testemunho de Mim. Vós nunca ouvistes a Sua voz, nem vistes a Sua forma”.

Jesus confirma isso em João 6:46: “Ninguém viu o Pai, a não ser aquele que vem de Deus; somente Ele viu o Pai” (NVI).

O apóstolo Paulo também afirma que nenhum ser humano jamais viu o Pai: “Deus... a Quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver” (1 Timóteo 6:13, 16).


E João, o último sobrevivente dos apóstolos originais, diz claramente que “ninguém jamais viu a Deus” (1 João 4:12).

No entanto, a Bíblia registra, especificamente, que muitos indivíduos ouviram e viram a Deus, entre eles Jacó (Gênesis 32:30), Moisés (Êxodo 3:6; 33:17-23; Números 12:6-8), Josué (Josué 5:13; 6:2), Gideão (Juizes 6:12-14), Isaías (Isaías 6:1-3) e Ezequiel (Ezequiel 1:26-2: 4).

Ao juntar todas essas escrituras—algumas dizendo que ninguém jamais viu Deus e outras pessoas mostrando que o Deus do Velho Testamento apareceu muitas vezes e falou diretamente às pessoas—só nos resta reconhecer, inequivocamente, o seguinte fato: *O Deus que apareceu a essas pessoas não era Deus Pai, mas o Ser que se tornou Jesus Cristo.*

Isso explica por que João declarou que “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito . . . esse O revelou” (João 1:18, ACF). Isso também nos ajuda a entender a declaração de Jesus em Mateus 11:27 que “ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

Em resumo, nenhum ser humano jamais viu a Deus o Pai. O Deus que apareceu a vários indivíduos no tempo do Antigo Testamento foi realmente o Ser que, mais tarde, viria em forma humana como Jesus Cristo. Agora, Jesus revela o Pai àqueles a quem Ele escolher e a



PARA SABER MAIS

A verdadeira história de Jesus Cristo é surpreendente! A maioria das pessoas está familiarizada com alguns relatos, mas poucos compreendem realmente quem e o que Ele era e é! Leia o nosso guia de estudo bíblico "A Verdadeira História de Jesus Cristo". Você pode baixar ou solicitar sua cópia gratuita hoje mesmo!

<http://portugues.ucg.org>

quem o Pai chama (João 6:44, 65).

O apóstolo Paulo confirma isso. Ao escrever sobre a peregrinação da antiga Israel no deserto, depois do Êxodo, ele afirma que eles “beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam da rocha espiritual que os acompanhava, e essa Rocha era Cristo” (1 Coríntios 10:4, NVI).

Então, como ficamos quanto a isso?

As afirmações de Jesus a respeito de Sua identidade são, de fato, impressionantes. Alguns, que ouviram essas afirmações, queriam matá-Lo. Outros ficaram perplexos. Alguns puseram Suas asseverações à prova, seguiram-No, e se tornaram parte de um movimento que “têm transtornado o mundo” (Atos 17:6). Aqueles que eram mais próximos de Jesus estavam tão convencidos disso que O seguiram dispostos até a morrer, sem nunca vacilar em suas convicções.

Essa compreensão de quem e o que Jesus Cristo foi e é hoje é a razão por quê Seu sacrifício é tão imensamente importante. Pois, foi preciso a morte de nada menos do que o Criador de toda a humanidade para se pagar eternamente a pena por todos os pecados de todo o ser humano!

E o que Jesus Cristo é hoje? Em Suas últimas horas com os discípulos, antes de ser preso e crucificado, Ele orou a Seu Pai: “Agora, pois, glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que Eu tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5). Ressuscitado do sepulcro, Ele agora se assenta gloriosamente à direita do Pai, aguardando o tempo de Seu retorno à Terra para estabelecer Seu Reino e recompensar Seu fiel rebanho.

E você? Será que terá a coragem e a convicção de entregar sua vida ao Deus que, além de tê-lo criado, também entregou Sua vida por você? A escolha é sua! **BN**

Jesus alegou ser Deus de outras maneiras?

Jesus afirmou ser divino de várias outras formas, que não foram abordadas, especificamente, neste artigo. Vejamos algumas delas.

• Jesus reivindicou a autoridade para perdoar pecados

Quando Jesus curou um paralítico, Ele lhe disse: “Filho, perdoados são os teus pecados” (Marcos 2:5). Ao ouvir isso, os escribas disseram que Ele estava blasfemando e perguntaram: “Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus?” (Versículos 6-7).

Jesus, respondendo aos escribas, disse: “Por que isso está perturbando vocês? Eu, o Messias, tenho autoridade na terra para perdoar pecados. Mas, falar é fácil qualquer um poderia afirmar isso. Porém, Eu posso provar o que Eu estou dizendo, curando este homem. Então, voltando-se para o paralítico, ordenou-lhe: Você está curado. Pegue sua esteira e vá embora para casa!” (versículos 8-11, Bíblia Viva).

Os escribas sabiam que Jesus estava reivindicando uma autoridade que pertencia somente a Deus. Novamente, o SENHOR (YHWH) é Aquele retratado no Antigo Testamento que perdoava pecados (Jeremias 31:34).

• Cristo reivindicou o poder de ressuscitar os mortos

Jesus disse que tinha mais um poder que só Deus possuía—ressuscitar e julgar os mortos. Observe Suas declarações em João 5:25-29:

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão . . . todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

Não havia dúvida sobre o que Ele queria dizer. Ele havia dito no versículo 21: “Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem Ele quer”. Quando Jesus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, disse à irmã de Lázaro, Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:25).

Compare essa declaração com 1 Samuel 2:6, que nos diz que “o SENHOR [YHWH] é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultu-

ra e faz subir” (ARA).

• Jesus aceitou ser honrado e adorado

Jesus demonstrou Sua divindade desta outra maneira, dizendo: “Todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou” (João 5:23). Repetidamente, Jesus disse a Seus discípulos que cressem Nele do mesmo modo como creem em Deus. “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim” (João 14:1).

Jesus recebeu adoração em muitas ocasiões e nunca proibiu isso. Um leproso O adorou (Mateus 8:2). Um governante O adorou ao apelar para Ele ressuscitar sua filha (Mateus 9:18). Quando Jesus acalmou a tempestade, aqueles que estavam no barco O adoraram como o Filho de Deus (Mateus 14:33).

Uma mulher cananeia também O adorou (Mateus 15:25). Quando Jesus encontrou as mulheres que vieram a Seu túmulo depois de Sua ressurreição, elas O adoraram e também Seus apóstolos (Mateus 28:9, 17). O endemoninhado gadareno “quando, de longe, viu Jesus, correu e O adorou” (Marcos 5:6, ARA). O cego, curado por Jesus, também O adorou (João 9:38).

O primeiro e o segundo mandamentos proíbem a adoração a qualquer um ou qualquer coisa que não seja Deus (Êxodo 20:2-5). Barnabé e Paulo ficaram muito incomodados quando o povo de Listra tentou adorá-los, após a cura de um homem aleijado (Atos 14:13-15). Em Apocalipse 22:8-9, quando João, o apóstolo, se prostrou para adorar o anjo, este se recusou a aceitar a adoração, dizendo: “Não faça isso! . . . Adore a Deus!” (Apocalipse 22:8-9, NVI).

No entanto, Jesus aceitou essa adoração e não repreendeu aqueles que se ajoelhavam diante dEle e O adoravam.

• A instrução de Jesus para orar em Seu nome

Jesus não apenas disse a Seus seguidores que cressem Nele como também disse que, quando oramos ao Pai, devemos orar em Seu nome. “E tudo quanto pedirdes em Meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho” (João 14:13). Jesus deixou claro que o acesso ao Pai só é possível através dEle, ao dizer que “ninguém vem ao Pai, senão por Mim” (versículo 6).

O apóstolo Paulo fez a seguinte declaração sobre Jesus:



“Pelo que também Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9-11).

Paulo está nos dizendo que o próprio Deus Pai está defendendo o fato de que Jesus é Deus, exaltando Seu nome ao nível Daquele por meio do qual fazemos nossos pedidos e Aquele diante do qual nos inclinamos. Jesus também nos assegura que Ele mesmo responderá nossas orações (“... Eu o farei ...”, João 14:13).

Jesus revelou-se, de muitas maneiras, como o Deus do Antigo Testamento. Os judeus viram-No fazendo muitas coisas que só Deus poderia fazer. Eles ouviam-No dizer coisas sobre Si mesmo que só podiam ser aplicadas a Deus. Eles ficaram furiosos, respondendo com indignação, e acusaram-No de blasfêmia. Eles estavam tão enfurecidos com Suas afirmações que até queriam matá-lo ali mesmo.

• A relação especial de Jesus com Deus

Jesus sabia que Ele era único em Sua estreita relação com o Pai, e que também era o único que podia revelar o Pai. “Todas as coisas Me foram entregues por Meu Pai; e ninguém conhece plenamente o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser

revelar” (Mateus 11:27).

O Dr. William Lane Craig, autor de muitos livros e artigos defendendo a crença cristã, disse que nesse versículo “Jesus afirmou ser o Filho de Deus de forma exclusiva e absoluta. Jesus diz aqui que sua relação de filho com Deus é única. Ele também afirma ser o único que pode revelar o Pai aos homens. Em outras palavras, Jesus afirma ser a revelação absoluta de Deus” (*Reasonable Faith* [Fé Racional], 1994, p.266).

• As pretensões de Cristo de manter o destino eterno das pessoas

Em várias ocasiões Jesus afirmou que Ele somente através dEle é que as pessoas poderiam alcançar a vida eterna. “Porquanto esta é a vontade de Meu Pai: Que todo aquele que vê o Filho e crê nEle, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:40, comparar versículos 47 e 54). Ele não diz apenas que as pessoas devem crer Nele, mas também que Ele é o Único que pode ressuscitá-las. Nenhum simples mortal pode desempenhar esse papel.

A conclusão é inevitável: Jesus deu a entender que Ele era divino assim como o Pai e tinha o direito de fazer coisas que só Deus podia fazer.

— Extraído de nosso guia de estudo bíblico gratuito “*A Verdadeira História de Jesus Cristo*”.



Descobrido: Ruínas do Templo da Época de Jesus Cristo? por Scott Ashley

Durante Seu ministério terreno, o templo em Jerusalém era um dos lugares que Jesus Cristo ensinava regularmente, onde havia um enorme complexo de edifícios, câmaras, colunas e pórticos construídos por Herodes, o Grande (o mesmo Herodes que tentou matar Jesus, quando bebê, em Belém).

Os Evangelhos registram que Jesus sempre ensinava lá quando viajava a Jerusalém. Lucas 19:47 disse: “Diariamente, Jesus ensinava no templo” (ARA).

Após Sua morte e ressurreição, o templo continuou sendo um ponto focal para a Igreja primitiva, pois os membros “diariamente perseveravam unânimes no templo” (Atos 2:46, ARA). “Pedro e João subiam ao templo à hora da oração”, ocasião em que curaram um coxo, surpreendendo a multidão (Atos 3:1-11). Embora esse ensinamento fizesse com que os apóstolos fossem espancados e lançados na prisão, “todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus, o Cristo” (Atos 5:40-42).

O templo propriamente dito—uma

pequena parte do enorme complexo de 35 acres (14 hectares)—estava fora do alcance de todos, exceto dos sacerdotes, contudo os tribunais vizinhos ficavam lotados por milhares de fiéis, um número que alcançava um milhão ou mais na temporada das festas religiosas anuais da Páscoa, Pentecostes e Festa dos Tabernáculos. Ao redor dos tribunais, e contornando todo o complexo, haviam enormes colunas de trinta metros, que apoiavam enormes colunatas onde os adoradores podiam encontrar sombra e se proteger do sol ardente de Jerusalém. Jesus e os apóstolos provavelmente ensinaram em áreas como esta.

Todo o complexo do templo era famoso por sua beleza e pelo acabamento requintado de sua construção. Em uma das últimas visitas de Jesus ao templo, um dos discípulos exclamou: “Mestre, olha que pedras e que edifícios!” (Marcos 13:1). E outros falavam “a respeito do templo, como estava ornado de formosas pedras e dádivas” (Lucas 21:5). Sem dúvida, o templo era uma obra magnífica!

Avance rapidamente para uns quarenta

anos depois, no ano 70 D.C., os judeus se rebelaram contra os romanos e Jerusalém foi sitiada. O complexo do templo, com suas paredes maciças e posição elevada acima da cidade, era uma área de defesa importante para os rebeldes judeus. Depois de um longo cerco, as legiões romanas romperam sua resistência e o próprio Monte do Templo tornou-se um campo de batalha.

O poder de Roma prevaleceu. A população judia foi trucidada ou vendida como escrava. O próprio templo foi destruído, assim como todos os belos e elaborados salões e pórticos no topo do Monte do Templo. Enfim, o topo do Monte do Templo tinha sido completamente arrasado e relegado ao esquecimento. Como Jesus havia predito, nenhuma pedra do templo e seus belos cenários permaneceram de pé (Mateus 24:2).

Por muitos anos, o Monte do Templo ficou abandonado. Há certa evidência histórica e arqueológica da construção de um santuário romano a Júpiter e de uma igreja bizantina sobre o espaço gigantesco onde era o templo. A maioria dos judeus, que retornou a Jeru-



salém, se recusou a ir lá para que não acontecesse de, inadvertidamente, pisar no lugar onde ficava o Santo dos Santos, uma área proibida a todos—exceto ao sumo sacerdote.

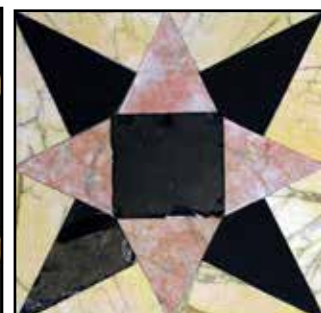
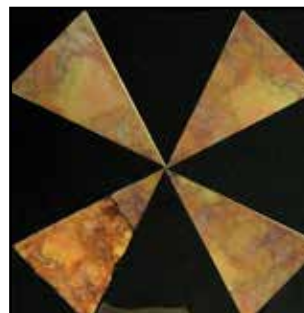
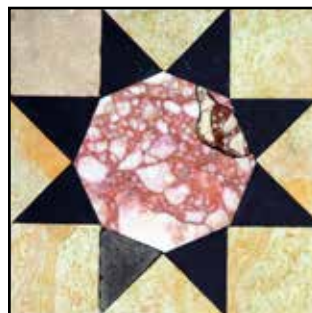
Vamos avançar mais seis séculos. Os exércitos do islã, tendo conquistado Jerusalém em 638, construíram a Cúpula da Rocha no Monte do Templo, em 692, na área onde foi erguido o templo de Herodes. Exceto por um breve período, quando estava sob o domínio dos cruzados, de 1099 a 1187, o Monte do Templo permaneceria sob o controle muçulmano até o dia de hoje.

Nas últimas décadas, os representantes da Autoridade Palestina vinham negando a existência de um templo judeu no Monte do Templo, apesar da óbvia arquitetura do período herodiano na plataforma remanescente e vários artefatos e inscrições relacionados ao templo descobertos ao redor dela. Apesar de o Monte do Templo ser um dos locais mais significativos para a arqueologia em todo o mundo, as autoridades muçulmanas, que controlam aquela área, têm resistido fortemente a qualquer tentativa de exploração científica do local.

Desde 1999, os muçulmanos que controlam o Monte do Templo parecem estar numa empreitada que visa apagar qualquer evidência física da existência do templo de Herodes na local. Naquele ano, durante três dias, eles trouxeram pesados equipamentos de construção para revolver o terreno e despejaram cerca de quatrocentos caminhões de lixo e detritos no Monte do Templo, enquanto construíam uma imensa mesquita subterrânea, despejando o material em um vale próximo. O que eles não sabiam é que, ao fazer isso, sem querer, trouxeram à tona vestígios do complexo do templo de Herodes, que não eram vistos há quase dois mil anos!

Alguns arqueólogos israelenses, que sabiam de onde veio o material despejado, estabeleceram um trabalho, que veio a ser conhecido como o Projeto de Peneiração do Monte do Templo, para examinar minuciosamente cada partícula despejada da construção ilegal. Ao longo dos anos, voluntários de todo o mundo encontraram milhares de artefatos que vão de cerâmica de barro e fragmentos de lâmpadas a medalhões religiosos perdidos, que ficaram enterrados por séculos no Monte do Templo.

Então, em setembro de 2016, os arqueólogos revelaram as suas descobertas mais intrigantes até o momento—uma série de elaboradas telhas de pedra que, provavelmente, adornavam os pátios e os pórticos que cercavam o templo de Herodes, antes de sua



Fotos, linha superior esquerda: Projeto de Peneiração do Monte do Templo. O pesquisador do projeto, Frankie Snyder, mostra a montagem de alguns ladrilhos recuperados do material removido ilegalmente do Monte do Templo de Jerusalém; o padrão geométrico de muitos desses fragmentos ainda não foram reconstruídos. Segunda fileira: Três seções de ladrilhos remontados mostram o requinte desse tipo de piso colorido que decoravam o complexo do templo na época de Jesus Cristo.

invasão e destruição pelos romanos.

“Isso representa a primeira vez que os arqueólogos foram capazes de restaurar com êxito um elemento a partir do complexo do Segundo Templo de Herodes”, afirmou Zachi Dvira, cofundador e diretor do Projeto de Peneiração do Monte do Templo em um comunicado à imprensa em nove de setembro deste ano. “Isso nos permite ter uma ideia do incrível esplendor do Templo”, acrescentou Gabriel Barkay, cofundador e codiretor do projeto.

Esse tipo de piso era chamado de *sectile opus* (do latim ‘trabalho cortado’). Não houve pisos desse estilo em Israel antes da época do rei Herodes, o Grande (que antes vivia em Roma e era um grande admirador da arquitetura e da engenharia romana), que envolvia o corte e polimento de peças de pedra coloridas e cimentação em padrões geométricos. Pisos semelhantes foram colocados em alguns dos outros projetos de construção de Herodes, inclusive em seus palácios em Jericó, Massada e Herodium.

“Os segmentos de ladrilhos foram perfeitamente embutidos, de tal forma que não se poderia até mesmo inserir uma lâmina afiada entre eles”, disse Frankie Snyder, membro da equipe de pesquisadores do projeto de peneiração e especialista em pisos do período herodiano. Até agora, cerca de 600 segmentos de piso de pedra colorida foram

descobertos, destes, mais de 100 são definitivamente datados do período herodiano do segundo templo.

Esses ladrilhos podem ser aqueles que o historiador judeu do primeiro século, Flávio Josefo, se referiu quando descreveu que o pátio do Monte do Templo estava “completamente pavimentado com pedras de vários tipos e cores”. Mais tarde, o Talmude descreveu o complexo do templo como tendo linhas de mármore em cores diferentes.

Leen Ritmeyer, arqueólogo, e provavelmente o maior especialista do mundo no Monte do Templo, sugere que as peças foram originalmente parte de pisos ornamentados em alguns outros edifícios e/ou em muitas áreas colonadas que cercam o próprio templo.

“Agora, como resultado das habilidades matemáticas de Frankie Snyder, conseguimos recriar os padrões dos ladrilhos reais”, disse Barkay. “Isso representa a primeira vez que podemos ver com nossos próprios olhos o esplendor do piso que decorava o segundo templo e seus anexos há dois mil anos.

“Embora não tenhamos merecido ver o templo em sua glória, com a descoberta e a restauração desses ladrilhos únicos, agora podemos ter uma compreensão e uma estimativa mais profunda do segundo templo, mesmo que seja através dessa particularidade.” **BN**

Descobertas em Gezer Apoiam o Relato Bíblico do Reinado de Salomão

por Scott Ashley

A Bíblia enumera vários grandes projetos de construção do rei Salomão: “O rei Salomão impôs trabalhos forçados para que se construísse o templo do SENHOR, seu próprio palácio, o Milo, o muro de Jerusalém, bem como Hazor, Megido e Gezer” (1 Reis 9:15, NVI).

O significado da maioria desses projetos é evidente: Construir um magnífico templo para Deus em Jerusalém. Ele também construiu seu próprio palácio, reforçou o provável muro de sustentação e o terraço ao redor do lado mais íngreme da cidade, situado defronte ao Monte das Oliveiras, e reforçou as muralhas defensivas da cidade. Todas eram melhorias apropriadas à capital do crescente império israelita.

Mas o que sabemos dessas outras três cidades—Hazor, Megido

No século XX, escavações arqueológicas foram realizadas em todos esses três locais e os arqueólogos observaram um impressionante paralelo. Os portões da cidade—o ponto de ataque mais vulnerável a inimigos—construído no século X A.C. (época de Salomão) eram idênticos em todos os três. Todos tinham o mesmo design original, obviamente foi usado o mesmo “projeto” para se edificar essa fortificação.

E isso respalda veementemente ao que está registrado na Bíblia, que Salomão tinha fortificado as três cidades ao mesmo tempo durante seu reinado. Embora alguns críticos tenham questionado a data da construção das portas, os fatos dessas escavações são evidências precisas do que lemos na Bíblia.

Depois de um hiato de décadas, as escavações em Gezer reco-



Fotos, a partir da esquerda: Vista aérea de escavações em Tel Gezer, Israel, que mostra o portão da cidade com seis câmaras à esquerda (quase idênticos aos portões de Hazor e Megido) e um enorme edifício palaciano à direita, datado do reinado do rei Salomão no século X a.C.; Um arqueólogo remove cuidadosamente a sujeira de um jarro de barro encontrado nas ruínas da cidade; Fragmentos de cerâmica filisteia encontrados abaixo do nível do edifício palaciano mostram que a cidade foi habitada antes pelos filisteus, como descrito na Bíblia.

e Gezer? Embora seu significado não seja tão evidente para a maioria das pessoas de hoje, qualquer um na época de Salomão, há quase três mil anos, teria reconhecido imediatamente sua importância.

Desde a antiguidade, a Terra Santa esteve no meio de uma importante rota comercial entre o Egito e a Mesopotâmia. Conhecido como “o Caminho do Mar”, que ligava o Egito, ao longo do Mar Mediterrâneo, aos impérios que surgiram nos territórios da Síria, Anatólia e Mesopotâmia, através do território da antiga Israel. Ela também é a principal rota de invasão entre as antigas superpotências do Egito e da Mesopotâmia, sendo esta uma das razões que vemos tantas guerras registradas na Bíblia, que envolviam os reinos de Israel e Judá.

As cidades de Hazor, Megido e Gezer estavam em pontos estratégicos ao longo dessa rota, e Salomão as tornou em cidades fortificadas. Ao fazer isso, ele conseguiu proteger seu reino das invasões vindas do norte e do sul, e também controlar—e tributar—as caravanas de comércio que usavam essa antiga rota. Através dessa estratégia, o sábio rei Salomão foi capaz de prover segurança militar ao seu reino e aumentar seu crescimento econômico.

meçaram em 2006. Na temporada de escavação mais recente, no verão de 2016, ainda mais evidências vieram à luz, apoiando o relato bíblico.

Embora não seja mencionado no registro bíblico, os escavadores descobriram um edifício palaciano enorme, datado do tempo de Salomão, junto ao portão da cidade. A estrutura apresentou um grande pátio central, similar aos grandes edifícios encontrados em Hazor e Megido, que datam da mesma época. Por enquanto não foram encontrados registros ou evidências da presença de reis israelitas no local (eles viviam em Jerusalém), mas essas estruturas demonstram a importância dessas cidades para o reino israelita da época.

E mais apoio ao registro bíblico veio de uma camada cerâmica filisteia anterior à construção palaciana. A Bíblia mostra que os filisteus ocuparam Gezer (2 Samuel 5:25; 1 Crônicas 14:16) até ela ser conquistada pelo faraó egípcio e entregue a Salomão como dote quando este se casou com sua filha (1 Reis 9: 16-17). As escavações mostraram que essa cidade realmente foi destruída, e uma nova cidade, novas fortificações, um novo portão e o complexo palaciano foram construídos sobre suas ruínas.



O Que Está Por Trás do Caos no Oriente Médio?

O mundo está assistindo ao crescimento de áreas de conflitos. No entanto, o Oriente Médio continua dominando as manchetes. O que está por trás de sua constante turbulência?

por Dan Taylor

Ao ouvir a palavra “Oriente Médio”, algumas palavras vêm à mente—*violência, derramamento de sangue, ódio, instabilidade, refugiados e terrorismo*. Em suma, o Oriente Médio nos assusta! Para a maioria de nós, que não é daquela região, é difícil ver sentido nas grandes mudanças ocorridas no Oriente Médio nos últimos anos—a Primavera Árabe, a derrocada de governos, queda de ditadores, guerras intermináveis no Afeganistão, Iraque e Síria e a ascensão do Estado Islâmico (EI).

No entanto, até mesmo para um observador casual, é fácil ver que, na ausência de uma forte liderança dos Estados Unidos, juntamente com a forte redução das forças estadunidenses na região, o EI, a Rússia e o Irã vêm preenchendo o vácuo de poder político e militar naquela área.

Acrescente a isso o, aparentemente inócuo, acordo nuclear iraniano, uma situação que praticamente garante ao Irã a capacidade de fabricar armas nucleares, que será uma ameaça a seus vizinhos nas próximas décadas (embora o presidente eleito, Donald Trump, tenha declarado que deseja negociar um novo acordo).

Enquanto isso, a instabilidade e a infundável guerra na região têm enviado uma enxurrada de refugiados do Oriente Médio para a Europa e outro fluxo crescente para os Estados Unidos—levando convulsões políticas e culturais aonde quer que vá.

Uma mudança dramática em relação ao século anterior — o que aconteceu?

Pense nisso por um instante. Alguma vez você já se perguntou por que o Oriente Médio quase sempre está nas manchetes dos jornais?

Em contraste, um século atrás, o Oriente Médio era um lugar onde nada de significativa acontecia. O historiador David Fromkin, autor de *Uma Paz para Acabar Com Toda Paz*, escreve: “O Oriente Médio, embora tenha sido de grande interesse para diplomatas ocidentais e políticos durante o século XIX... passou a ser apenas uma preocupação marginal nos primeiros anos do século XX... A região tornou-se um remanso político” (1989, p. 24).

Fromkin acrescenta: “Poucos europeus da geração de Churchill sabiam ou se importavam com o que acontecia nos impérios lânguidos do sultão otomano ou do xá da Pérsia” (p.25).

Hoje, o Oriente Médio domina as manchetes dos jornais. Por que é tão diferente agora? Se retirarmos as camadas da história recente, então hoje podemos começar a compreender os fatores subjacentes à instabilidade dessa importante região vital.

O que mudou? Três eventos importantes, que são necessários para a preparação do cenário para o cumprimento da profecia bíblica do fim dos tempos:

- O colapso do Império Otomano.
- O estabelecimento do Estado de Israel.
- O surgimento do fundamentalismo islâmico.

Como esses fatores transformaram a região e estabeleceram as bases para o cumprimento da profecia?

O colapso do Império Otomano

Por quase seiscentos anos, o califado otomano governou um império que tinha subjugado os árabes, os curdos, os gregos, os armênios, outros povos do Oriente Médio, o sudeste europeu e o Norte da África. Durante os seis séculos de seu governo, o Império Otomano havia proporcionado uma estabilidade “*laissez faire*” (deixe seguir) em uma região que, mais tarde, se tornaria um barril de pólvora moderno.

No início dos anos 1900, o Império Otomano já era uma mera sombra de sua antiga grandeza. Como o Império Russo ao norte, os otomanos governavam uma região de povos agrícolas, em grande parte atrasados, para os quais o passar dos séculos trouxe pouca mudança.

Entretanto, na década anterior à Primeira Guerra Mundial, os chamados “jovens turcos”—um grupo de intelectuais e oficiais militares turcos que fundaram o Comitê de União e Progresso (CUP)—assumiram o controle do Império e começaram a tentar modernizar o Estado, que havia sido apelidado de “homem doente da Europa”. Suas reformas foram proclamadas publicamente, e incluíam o fim da discriminação oficial contra os não-muçulmanos, a educação e a emancipação das mulheres e o aumento do poder dos tribunais seculares (à custa dos tribunais islâmicos).

Mas como assinala David Fromkin: “Uma vez no poder o CUP mostrou o lado negro de seu nacionalismo ao afirmar a hegemonia dos muçulmanos turcos sobre todos os outros” (p. 48).

Essa ênfase no nacionalismo turco serviu apenas para provocar um sentimento de nacionalismo em outros grupos, inclusive árabes. No entanto, o tempo para as reformas tinha acabado. Três desastrosas guerras, a primeira contra a Itália na Líbia (1911-12), depois duas guerras nos Balcãs (1912-13) custaram ao Império Otomano quase todos os seus territórios europeus.

Sempre cauteloso com os planos dos russos em território turco, o ministro otomano da guerra, Enver Pasha, assinou um tratado secreto e fatal de ajuda mútua com os alemães contra a Rússia. Quando a Primeira Guerra Mundial (1914-18) começou, o Império Otomano foi atraído para a luta contra os Aliados (Grã-Bretanha, França, Itália e Rússia).

Em 1922, quatro anos após o fim das hostilidades da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano deixou de existir, quando Mustafa Kemal Atatürk derrubou o último califado e declarou a República Turca. A verdadeira questão não era por que o império caiu, mas como os otomanos conseguiram manter unida essa “colcha de retalhos” cultural desse império por tanto tempo!

Os otomanos obtiveram essas conquistas através de estruturas governamentais descentralizadas a nível local. Quando as potências europeias pegaram as peças do fraccionado Império Otomano, após a Primeira Guerra Mundial, elas impuseram limites arbitrários ao governo, sem prestar atenção à existência das complexas divisões tribais e étnicas, as quais os otomanos tinham dado certa autonomia durante séculos.



Em 1921, o mandato da Liga das Nações tornou a ocupação da terra oficial. A França adquiriu a Síria e o Líbano, enquanto a Grã-Bretanha conseguiu o Iraque, a Palestina e a Jordânia. A Península da Arábia Saudita tornou-se uma série de reinos independentes e de protetorados britânicos.

Apesar de a Europa conseguir o que pediu, não conseguiu o que queria—súditos complacentes e felizes. No final daquela conferência de paz, após o pior conflito da história, Archibald Wavell, um oficial que serviu no exército britânico na Palestina e, mais tarde, foi promovido a marechal de campo, declarou de forma profética: “Depois da guerra para acabar com a guerra, parece que foram muito bem sucedidos em Paris, fazendo a ‘paz para acabar com a paz’” (p. 5).

A fase no Oriente Médio agora estava pronta para os dois próximos elementos proféticos.

Estabelecimento do moderno Estado de Israel

Em 29 de novembro de 1947, as Nações Unidas aprovaram a Resolução 181 (conhecida como Plano de Partilha da Palestina) apesar de todos os Estados árabes votarem contra ela. Esta resolução dividiu o mandato da Liga das Nações para a administração britânica da Palestina em províncias (e não estados) judaicas e árabes visto que a retirada da Grã-Bretanha foi marcada para 14 de maio de 1948, quando o seu mandato terminava.

Segundo a Resolução 181, os lugares sagrados dentro de Belém e Jerusalém permaneceriam sob controle internacional. No entanto, em 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion, chefe da Agência Judaica, proclamou o estabelecimento do estado de Israel. No mesmo dia, os Estados Unidos reconheceram a nova nação.

No dia seguinte, forças militares de cinco nações árabes (além das forças palestinas locais) atacaram o novo estado. Nove meses depois, a guerra terminou e Israel, milagrosamente, sobreviveu. À medida que centenas de milhares de árabes fugiam da Palestina, centenas de milhares de judeus imigravam para a nova e incipiente nação.

Grande parte dos árabes se aliou com a União Soviética. E Israel, ao contrário, aliou-se aos Estados Unidos. O cenário foi marcado por três outras grandes guerras entre Israel e seus vizinhos árabes, juntamente com uma série de outras ações militares. Mas, apesar do que muitos acreditam, 1947 e a criação do Estado de Israel, *não* foi o ponto de partida para os conflitos no Oriente Médio.

O ressurgimento do islamismo fundamentalista

Durante as reformas dos “jovens turcos”, antes da Primeira Guerra Mundial, muitos árabes, inclusive o influente Abdul Aziz ibn Saud, fundador da Arábia Saudita, rotulavam o governo otomano de anti-islâmico. No começo da Primeira Guerra Mundial, o nacionalismo árabe começou a alvoroçar-se.

Sharif Hussein ibn Ali, descendente da família Muhammad, fundador do islã, e antepassado do atual rei da Jordânia, iniciou a Revolta Árabe em junho de 1916. O apoio financeiro e militar para esse movimento veio depois dos franceses e dos britânicos, que contava com o apoio do Tenente T.E. Lawrence—conhecido como Lawrence da Arábia.

Sharif Hussein ibn Ali se sentiu incentivado pelo nacionalismo árabe. Ele previu uma nação árabe independente e unificada, que se estenderia do Egito ao Iraque e da Síria ao Iêmen. Mas a visão de Abdul Aziz ibn Saud era guiada por um tipo particular de islamismo—o wahabismo.

O que esse movimento tem a ver com o ressurgimento do islamismo fundamentalista? Tem muito a ver—até hoje.

Escrevendo para o site de notícias *World Affairs*, Carol Choksy, professora adjunta de inteligência estratégica na Escola de Informática e Computação da Universidade de Indiana, e Jamsheed Choksy, professor ilustre da Universidade de Indiana, observam: “A inseparabilidade do reino saudita da vertente wahhabita do islã sunita, adotada pela primeira vez em 1744, e o credo fundamental da Arábia Saudita, desde sua fundação moderna em 1932, asseguraram ao fundamentalismo a concepção de políticas internas e externas.

“A Arábia Saudita não é a única fonte de recursos para o jihadismo—entidades públicas e privadas no Kuwait, Qatar, Emirados Árabes Unidos e, mais recentemente, a Turquia também estão ligadas à arrecadação e transferência de fundos para apoiar grupos terroristas. Mas os sauditas têm sido a fonte mais persistente de apoio à jihad global ao espalhar o wahabismo no exterior para radicalizar os muçulmanos estrangeiros e, em seguida, dar apoio financeiro às suas violentas lutas em países muito distantes como o Afeganistão, a Síria e a Líbia” (“A Conexão Saudita: Wahabismo e a Jihad Global”, maio-junho de 2015).

Carol E. B. Choksy e Jamsheed K. Choksy disseram que as armas e munições usadas no ataque em Paris, em janeiro de 2015, contra os escritórios da revista *Charlie Hebdo*, que deixaram doze mortos e onze feridos, “foram rastreados até as jihadis na Bósnia, onde os pregadores da mesquita do rei Fahd em Sarajevo, que foram treinados e financiados com apoio da Arábia Saudita, declararam que os ataques foram organizados pelo Ocidente como uma desculpa para discriminar os muçulmanos” (ibid.).

O surgimento do islamismo fundamentalista e seus militantes levantam *duas questões essenciais*: Por que toda essa violência e aonde se dirige esse choque de culturas e a ascensão do islamismo fundamentalista?

Quanto à primeira questão, a historiadora Karen Armstrong acrescenta esta percepção sobre a violência associada ao fundamentalismo islâmico em seu livro *Islã: Um Conto Breve*: “Entretanto, à medida que o milênio chegava ao fim, alguns muçulmanos pareciam ter vivido de acordo com a percepção ocidental e, pela primeira vez, fizeram da violência sagrada um dever islâmico cardinal. Esses fundamentalistas costumam chamar o colonialismo ocidental e o imperialismo ocidental pós-colonial de *al-Salibiyyah*: a cruzada” (página 180, grifo do autor).

Este termo [*al-Salibiyyah*: a cruzada] traz aos muçulmanos a lembrança das violentas guerras entre o cristianismo medieval e o islã, há quase mil anos, durante as cruzadas (em que os exércitos europeus tentaram retomar as antigas terras cristãs do Oriente Médio, que tinham sido invadidas e tomadas pelos muçulmanos). Também relembra a eles as incursões ocidentais mais recentes—a Segunda Guerra Mundial, a primeira e a segunda guerra no Iraque e a guerra no Afeganistão.

Muitos muçulmanos veem o impacto da cultura ocidental moderna como uma espécie de cruzada cultural destinada a conquistar o mundo. Embora alguns aspectos da cultura ocidental, como a tecnologia e a medicina sejam bem recebidos, outros, particularmente os valores morais corruptos, são vistos por muitos como contrários ao islã e a seu modo de vida.

Karen Armstrong continua: “Em todo o mundo, como vimos, pessoas de todas as grandes religiões têm claudicado diante do impacto da

modernidade ocidental, e criaram uma religiosidade conflitiva e, frequentemente, intolerante, que chamamos de fundamentalismo” (ibid.).

À medida que se intensifica o ressentimento contra a cultura ocidental e as incursões militares continuarem a aumentar, podemos esperar que os fundamentalistas islâmicos vão seguir atacando alvos nos Estados Unidos e na Europa e até mesmo contra outros muçulmanos que não apoiam sua visão particular do islã.

Quanto à segunda questão: Aonde se dirige esse choque de culturas e a ascensão do islamismo fundamentalista?

Uma confederação de estados árabes no fim dos tempos?

A Bíblia tem muito a dizer sobre a atual situação no Oriente Médio. De fato, a profecia bíblica revela aonde irão nos levar essas condições atuais. Uma menção disso pode ser encontrada no Salmo 83.

Esse salmo parece ser uma profecia de uma confederação de nações que, embora possa se aplicar em parte a eventos antigos, parece ligada aos eventos do tempo do fim. Ele descreve como se unem um grupo de nações e povos em prol de um propósito comum—erradicar a nação de Israel:

“Pois eis que Teus inimigos se alvoroçam, e os que te odeiam levantam a cabeça. Astutamente formam conselho contra o Teu povo, e conspiram contra os teus protegidos. Dizem eles: Vinde, e apaguemo-los para que não sejam nação, nem seja lembrado mais o nome de Israel. Pois à uma se conluiam; aliam-se contra Ti” (versículos 2-5).

Aqui vemos sobre uma coalizão de povos que estão lutando não contra Israel, mas *contra Deus*. Para muitos líderes e povos árabes, a aniquilação do Estado judeu de Israel—e, finalmente, os Estados Unidos e outras potências ocidentais de herança israelita—é um de seus principais objetivos.

O sexto versículo identifica uma multidão de povos árabes que, aparentemente, vão se aliar para lutar contra Israel: O povo de “Edom” diz respeito aos palestinos e a alguns turcos. Os “ismaelitas” compreendem muitos dos povos árabes em todo o Oriente Médio e Norte da África. Moabe é a área central da Jordânia. Os “hagarenos” parecem ser outros descendentes de Agar, mãe de Ismael. Os “filhos de Ló” se referem a Moabe e a Amom—novamente, regiões da atual Jordânia. E outros também são identificados.

Uma das grandes aspirações frustradas na queda do Império Otomano foi um Estado árabe unificado. Este era o sonho de Sharif Hussein ibn Ali e muitos outros. Será que essa confederação poderia ser o cumprimento desse sonho? As correntes sociais e políticas que varrem todo o mundo árabe apontam para esta possibilidade.

O califa e o rei do Sul

A palavra *califa* vem do árabe *khalifa*, que significa “sucessor” (de Maomé). O último califa foram os otomanos (1517-1924). Hoje em dia, no mundo islâmico, muitos sonham em reestabelecer um califado para unir o mundo muçulmano e restaurar a hegemonia do islã.

Em particular, os líderes da Al-Qaeda, da Irmandade Muçulmana e do Estado Islâmico se imaginam nesse papel. Por causa de sua brutalidade execrável, no entanto, para qualquer um desses grupos pode ser difícil conseguir um apoio amplo para instituir um califa que seja aceito de forma abrangente no mundo muçulmano.

No entanto, se esse líder surgisse hoje, sob as circunstâncias corretas ele seria capaz de conduzir milhões de muçulmanos fiéis. Com o surgimento de um novo califa, também ressurgirá o antigo desejo de lançar mão da espada para conquistar e levar todos os outros povos

a se submeterem ao islã. Frequentemente, temos visto líderes islâmicos, como o fundador da Al-Qaeda, Osama bin Laden, o ex-líder líbio Muammar Kadafi e o califa do Estado Islâmico Abu Bakr al-Baghdadi, declararem esse objetivo.

A guerra entre o rei do Sul e o rei do Norte

Há uma profecia em Daniel 11 que abrange do ano 500 a.C. até o retorno de Jesus Cristo. A maior parte dessa notável profecia descreve o dramático fluxo e refluxo de um choque entre os outrora poderosos impérios Selêucida e Ptolomaico no Oriente Médio, entre 485 a 168 a.C.

Mas no versículo 40, a profecia dá um salto para o futuro, quando, no fim dos tempos, o rei do Sul, provavelmente um líder de uma confederação de nações islâmicas sob um califado restaurado, iniciará uma guerra com uma potência situada ao norte, aparentemente centrada na Europa. Essa guerra desencadeará uma cadeia de eventos que levará a uma destruição sem precedentes, levando a raça humana à beira da extinção, se Jesus Cristo não retornasse para salvar a humanidade dessa insanidade.

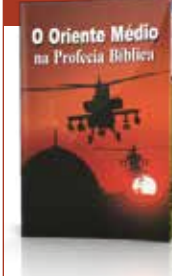
Aqui vemos a descrição do confronto, no tempo do fim, dessas forças dos reis do sul e do norte: “Ora, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele; e o rei do norte virá como turbilhão contra ele, com carros e cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e os inundará, e passará para adiante” (versículo 40).

Não está claro em que consiste essa “luta”. Levando em conta os métodos empregados pelos extremistas muçulmanos nos últimos anos, talvez aqui se refira a uma série de grandes ataques terroristas contra alvos europeus. No entanto, o que está claro é que esse rei do sul do fim dos tempos vai atacar de tal forma o rei do norte que provocará um grande contra-ataque militar no Oriente Médio, que levará à rendição incondicional das forças do rei do sul. Após sua derrota total, a Escritura não menciona mais esse rei.

Quanto a isso, o que você deveria fazer?

A queda do Império Otomano desencadeou uma série de eventos que trouxeram instabilidade ao Oriente Médio, como vemos quase diariamente nas manchetes dos jornais. O desaparecimento dos otomanos preparou o cenário para o cumprimento da profecia bíblica, e Daniel 11 é muito claro sobre o conflito entre o rei do sul e o rei do norte, levando a uma nova guerra mundial, que ameaçará a sobrevivência de todos os seres humanos (Mateus 24:21-22).

Nesta conjuntura crítica dos assuntos mundiais, você precisa compreender não só *o que* está acontecendo ao seu redor, mas também *o motivo*. Será que não está na hora de você tirar o pó de sua Bíblia e começar a ver isso por si mesmo? Não seria a hora de você começar a desenvolver um relacionamento íntimo com seu Pai celestial? Pois, isso pode ser a sua única fonte de ajuda que terá nesse tempo difícil que se avizinha! **BN**



PARA SABER MAIS

Os problemas no Oriente Médio não são novidade. Isso começou há milhares de anos, e as raízes estão descritas nas páginas de sua Bíblia! Para compreender os acontecimentos mundiais, que têm muito a ver com aquela região, você pode baixar ou solicitar hoje mesmo nosso guia de estudo bíblico gratuito "*O Oriente Médio na Profecia Bíblica*"!

<http://portugues.ucg.org>



Uma Europa separada e unida, ao mesmo tempo

O referendo do Brexit na Grã-Bretanha sobre a saída da União Europeia mexeu com os nervos dos britânicos e de muitos na Europa, mas também serviu de incentivo para outros europeus se concentrarem na preservação de suas próprias nações e culturas contra o pan-europeísmo e a imigração dos muçulmanos do Oriente Médio e do Norte da África—que levou a um crescente apoio aos partidos nacionalistas ou de extrema-direita.

Dezembro de 2016 viu uma fracassada candidatura nacionalista para a presidência na Áustria, mas lá a extrema-direita conseguiu ir mais longe do que antes com seus esforços. Ao mesmo tempo, um referendo na Itália em que as reformas constitucionais que buscavam centralizar o poder foram rejeitadas, levando à renúncia do primeiro-ministro pró-UE. As eleições que se realizarão em maio na França e em setembro na Alemanha poderão trazer demonstrações significativas dos partidos nacionalistas.

Ao mesmo tempo, os líderes europeus, preocupados com a saída da Grã-Bretanha e a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, além da contínua inquietação sobre a Rússia e o terrorismo islâmico, estão buscando mais integração, inclusive militar. Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia, clamou novamente por um exército europeu, afirmando: “Os norte-americanos não vão cuidar da segurança da Europa para sempre. Temos de fazer isso nós mesmos” (*Daily Mail*, 10 de novembro de 2016).

Sentimentos semelhantes ecoaram do ministro da Defesa da Alemanha. Alguns demandam que a Alemanha assuma o papel de líder do mundo livre em vez dos Estados Unidos (*Foreign Affairs*, 16 de novembro de 2016). Mas certamente ela não tem os meios para assumir esse papel, apesar de seu protagonismo na União Europeia.

A Bíblia profetizou uma série de renascimentos do Império Romano na Europa, que incluíam o Sacro Império Romano da Idade Média, o Império Francês de Napoleão e o Eixo Hitler-Mussolini da Segunda Guerra Mundial. E estes foram apenas precursores do ápice desse sistema, que terá seu último renascimento pouco antes do retorno de Cristo, quando dez líderes vão entregar seu poder a um único governante por um tempo muito curto (ver Daniel 2 e 7 e Apocalipse 13 e 17, esp. versículos 12-13). Este poder acabará sendo um inimigo dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Mas como se chegará a essa situação?

Com o resultado do Brexit e de um novo governo para os Estados Unidos, a Europa pode ser forçada a tornar-se mais coesa para preservar sua união, ou o supranacionalismo pode ser ampla-

mente rejeitado em favor de estados-nação. Alguns estudiosos da profecia bíblica ponderam que os atores principais da Europa como a Alemanha, a Itália ou a França não vão deixar a União Europeia—e que a União Europeia vai transitar suavemente para o renascimento bíblico descrito acima.

Mas não é isso que diz a Bíblia. Na verdade, a Bíblia se refere a essa última união como sendo parcialmente forte e parcialmente frágil, ou seja, seus membros não vão estar bem unidos (Daniel 2:42-43). O aumento do poder dos estados-nação no comando da União Europeia, como observou recentemente Romano Prodi, ex-presidente da Comissão Europeia (*Daily Express*, 28 de novembro de 2016), está em consonância com a Bíblia sobre os dez governantes que apoiam um poder central por um curto período de tempo.

É possível que a atual União Europeia venha a ruir, até mesmo com a saída de seus principais membros, mas apenas para reapare-

cer sob uma nova formação. Por outro lado, a atual União Europeia poderia muito bem permanecer essencialmente intacta e ainda transitar para aquela predita na Bíblia. Não podemos ser dogmáticos a esse respeito, pois a própria Bíblia não é.

Em todo caso, muita coisa tem que mudar para acontecer o que prediz a Bíblia. Por exemplo, a Bíblia diz que o mundo vai admirar-se com a ascensão da Besta e sua inigualável capacidade de fazer guerra (Apocalipse 13:4). O atual incentivo para um exército europeu parece ser um passo provável para isso, mas não explica como o poder militar europeu será tão grandioso e incomparável como diz a Bíblia.

Há conjecturas razoáveis sobre como isso poderia acontecer—entretanto, não temos espaço suficiente para detalhar e explorar isso mais a fundo. Outro exemplo é quando a Bíblia mostra a Europa dominada por uma poderosa igreja romana, enquanto atualmente a Europa é muito secular. Talvez uma reação contra a invasão islâmica conduza a um retorno às tradições.

O nacionalismo em ascensão se encaixa nisso. Agora “um em cada três alemães ‘se sente como estrangeiro’ em seu próprio país devido à ‘infiltração muçulmana’” (*Daily Mail*, 23 de novembro de 2016). Mas o grau de reação teria que ser muito maior do que é hoje—consequentemente, é provável que isso venha a acontecer.

É importante ficar atento ao desenrolar dos acontecimentos na Europa e no Oriente Médio, tendo em mente o que revela a profecia bíblica. As Escrituras são o único guia seguro para compreender aonde, finalmente, as coisas vão acabar—e para saber o que você precisa fazer diante de tudo isso. (Fontes: *Sky News*, *Daily Mail*, *Foreign Affairs*, *Daily Express*).



Alguns líderes europeus estão solicitando que a Alemanha assuma seu papel de liderança no mundo.

Cristãos do Oriente Médio enfrentam o medo e a dúvida depois da ocupação do EI

Mesmo que as forças iraquianas e seus apoiadores consigam afastar o Estado Islâmico (EI) do Iraque, as perspectivas não são boas para um dos grupos mais perseguido e brutalizado que luta para libertar-se do EI—os cristãos do Oriente Médio. As populações cristãs nativas da Síria e do Iraque já sofriam perseguições, mas a ascensão do EI resultou em sofrimentos inimagináveis para eles. E o avanço da coalizão que combate o EI não é garantia de paz e segurança para os cristãos.

O jornalista do *Christian Post*, Samuel Smith, escreveu um artigo expondo o medo e a ansiedade dos cristãos iraquianos à medida que avançam contra a ocupação do EI: “Embora as forças da coalizão lideradas pelo Iraque estejam lutando para libertar Mosul e muitas aldeias cristãs nas planícies de Nínive do domínio do Estado Islâmico, ainda permanece muita incerteza sobre o futuro dos cristãos iraquianos em suas terras ancestrais” (“Os Cris-

tãos Iraquianos Temem Perseguição No Iraque Pós-EI”, 24 de novembro de 2016).

Essas comunidades estão se reerguendo corajosamente depois de terem sido engolidas pela brutal ocupação do EI, mas ainda há um longo caminho a percorrer, pois grande parte da região foi devastada: “Simplesmente a reconstrução de muitas cidades cristãs na região deverá levar muito e muitos anos . . . A cidade de Qaraqosh, que já foi o lar de cinquenta mil cristãos, teve 65% de suas construções destruídas” (ibid.).

Estas e outras histórias semelhantes são uma assombrosa lembrança de que mesmo em nosso mundo moderno, às vezes, o culto religioso traz sérios perigos, pois essas pessoas foram torturadas, brutalizadas e mortas simplesmente por se identificarem como seguidores de Cristo. Nós, das sociedades ocidentais, não podemos presumir que nossa preciosa liberdade de religião sempre estará garantida, por isso devemos aproveitar plenamente essa liberdade enquanto Deus nos permite tê-la. (Fonte: *The Christian Post*).

Uma Rússia Mais Fraca, Porém Mais Ousada

Recentemente, o *Wall Street Journal* informou que o envolvimento da Rússia no conflito sírio—ajudando o presidente Bashar al-Assad na luta contra as forças islâmicas que buscam sua deposição—deu uma ideia da capacidade militar russa:

“O porta-aviões Kuznetsov, construído na década de 1980, não tem o mesmo poderoso sistema de catapulta dos destróieres norte-americanos, por isso os aviões russos são forçados a transportar cargas mais leves e ter menos combustível, segundo funcionários da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). E a falta de pilotos experientes, capazes de decolar e pousar no mar, tem obrigado o navio a transportar menos pilotos, de acordo com oficiais ocidentais. Moscou já perdeu um caça de combate, que caiu este mês durante um voo de treinamento de pouso no porta-aviões” (“Campanha Russa na Síria Expõe as Lacunas de Defesa de Moscou”, Nathan Hodge e Julian Barnes, 28 de novembro de 2016).

O mundo parece cada vez mais fragilizado à medida que os

poderes começam a mudar e a mover-se. Certamente, as outras nações estão se preparando para a mudança no protagonismo do poder mundial, que tem sido dos Estados Unidos por cerca de um século. O fato de a Rússia não ser tão poderosa como antigamente pode ser um alívio para alguns, mas isso poderia significar que ela tem menos a perder numa jogada ousada.

O que quer que aconteça com o envolvimento da Rússia em Síria, o mundo se encontra no limiar de um momento crítico. Deus prediz um tempo de angústia para o mundo como nunca vimos antes. Um aumento acentuado de guerras e rumores de guerras é o prelúdio de um tempo terrível em que, a menos que esses dias sejam interrompidos, “ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias” (Mateus 24:6-8, 22).

Felizmente, Deus será misericordioso e reenviará Seu Filho Jesus Cristo para estabelecer a paz mundial definitiva. Nessa ocasião, as manchetes nos jornais já não vão mais nos assustar e haverá paz em todas as nações. (Fonte: *The Wall Street Journal*).

Astrofísica: A Terra e os seres humanos são especiais no universo

As contínuas incursões da astrofísica e das leis subjacentes do universo têm levado à conclusão de que o nosso mundo e a raça humana são especiais.

No *Washington Post*, em uma coluna sobre o dia de Ação de Graças, o astrofísico e professor de Harvard Howard Smith reflete o fato de que a astronomia moderna permite ver-nos como especiais no cosmo:

“Alguns de meus colegas rejeitam veementemente essa noção . . . no entanto, todas as observações até agora são consistentes com a ideia de que a humanidade não é assim insignificante e que não vamos ter nenhum argumento ao contrário por um longo tempo. E parece que podemos até mesmo ter algum papel cósmico. Portanto, nesta temporada vamos ser gratos pelos incríveis dons de vida e da consciência e reconhecer as atuais evidências convincentes de que a humanidade e a Terra, nosso planeta natal, são extraordinários e cosmicamente preciosos” (“A Humanidade é Cosmicamente Especial”, 25 de novembro de 2016).

Em uma sociedade cada vez mais secular e naturalista, com acadêmicos dispostos a rejeitar Deus como Criador e o lugar do homem na criação divina, é um alívio ouvir uma voz que se levanta e proclama, baseando-se em sua experiência e conhecimento do universo, que, sem dúvida, somos um prodígio desse vasto universo e que, como ele mesmo disse, “podemos até mesmo ter algum papel cósmico”.

Os cristãos sabem que esse papel é de vir a ser filhos na própria família de Deus—um propósito maravilhoso. Para saber mais, solicite ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito “**Qual é o Seu Destino?**” (Fonte: *The Washington Post*).



Não São Dez Sugestões!

Quanto você sabe sobre os Dez Mandamentos? Os Dez Mandamentos são as instruções de Deus para uma vida segura, livre e plena, e um padrão de vida para uma sociedade pacífica e próspera. Mas a maioria das pessoas sabe muito pouco sobre eles. Poucas pessoas podem citar de cor mais de três ou quatro deles.

Você não acha que já é hora de aprender o que significam os Dez Mandamentos? Aqueles que dedicam um tempo para estudá-los acham que eles são apenas uma lista do que "Não fazer", mas, na verdade, são o guia de Deus para uma vida verdadeiramente satisfatória. Por isso é que a Bíblia os chama de "lei real" e "lei da liberdade".

Há muito mais sobre esses mandamentos do que vemos. Eles não são a maneira de Deus nos impedir de ter uma vida alegre. Eles são elaborados para proteger a nós, a nossas famílias e a nossas comunidades. Eles são um guia para transformar a maneira como pensamos e o que fazemos e como vivemos.

Preparámos gratuitamente um guia de estudo esclarecedor, que gostaríamos de compartilhar com você. Apenas entre em contato conosco através de nosso endereço em seu país (ou um país mais próximo de você), listado na página 2. Você também pode solicitá-lo ou baixá-lo de nosso site.

Descubra por si mesmo porque eles são os Dez Mandamentos e não as Dez Sugestões.



Para obter sua cópia gratuita, visite nosso site: portugues.ucg.org/estudos

Faça uma doação agora!

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta **Boa Nova** do vindouro Reino de Deus, de vários guias de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Sua doação espontânea, de qualquer valor, **na conta ao lado**, ou na aba de doações do nosso site, nos ajudará a ampliar esse esforço. **Muito obrigado** pela sua colaboração.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 013

Conta Poupança: 7648-8

CNPJ: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil



<http://portugues.ucg.org>